

Nos Campeonatos da Europa de atletismo disputados em Bruxelas, o atleta português Álvaro Dias, do Sporting, classificou-se honrosamente em 4.º lugar mas esteve a um passo do título europeu de campeão de saltos em comprimento. O vencedor conseguiu a mesma marca de Álvaro Dias (7 metros e 32) na fase preparatória. Ele um atleta que honra o seu País!

Stadium

N.º 404 ★ 30 de Agosto de 1950 ★ 2\$50

CONFIANÇA

SUBSTITUINDO a estafada corda de um violino que já não produz sons melódiosos e que designaremos por *Conselhos aos Jogadores*, meia dúzia de conceitos muito conhecidos e que à força de uso e gasto já não merecem interesse nem crédito, procuramos dar algumas indicações úteis aos jogadores de futebol que mudam de clube ou àqueles que ascendem, por variadas causas, algumas que são delas mas outras que lhe são inteiramente estranhas, à chamada categoria de honra. E não deverá causar admiração ou surpresa esta referência especial que insensivelmente nos saiu do bico da pena porque, todos sabemos, a ascensão de um jogador à primeira categoria depende de vários factores, tornando-se algumas vezes um produto de sorte ou de circunstâncias fortuitas.

Assim como no meio teatral alguns actores conseguiram revelar a sua prodigiosa vocação por virtude de, um dia, substituírem um colega famoso que adregou de adoecer, também no futebol se têm dado casos semelhantes: — o jogador substituído entra em acção por causa do titular haver adoecido ou estar por lesão incapacitado de alinhar, e logo se revela. De resto, a vida dos jogadores depende do lugar ou missão que desempenham. Alguns não mais subirão, dentro dum clube, noutros chegariam imediatamente ao primeiro plano! — por encontrarem na sua frente um companheiro que é na realidade um executante excepcional ou um «ás» popularíssimo. Outros, porém, com um valor mediocre na sua frente — mesmo assim a ascensão é difícil! — encontram a escalada relativamente facilitada. O que não significa que não subam a corda a pulso!

Julgamos que dizer as *grandes verdades*, aquilo que todos já sabem e há muito se aperceberam, é enunciar os bons princípios. Cada um adoptou a sua orientação, e não abdicaremos da nossa. Há jogadores que nunca conseguiram revelar as suas qualidades porventura excepcionais somente porque, jogando nas Reservas, está na categoria principal um elemento prestigioso e popular, que, mesmo ao render menos em campo, nenhuma direcção é capaz de excluir do rectângulo. (digamos, entre parêntesis, que o medo às consequências da derrota absolve destes e doutros pecados iguais.) Uma de duas: ou tais praticantes, apegados à sua fé clubista, se sugentam a uma vida mediocre, desconhecida e sacrificada, ou então ensaiam mais largos vôos, sacrificando a sua inclinação ou afecto e acolhendo-se em outra órbita que necessite mais do seu valor e préstimos. O mais curioso dos casos é que, as duas forças, em presença, clubes e jogadores, não deixam de ter ambos certa e relativa razão... É que o clube precisa de dispor de número apreciável de reservas, tendo em vista que a cedência de um valor é no fundo uma arma que pode virar-se contra ele próprio, no sentido particularista e não geral; e o jogador põe em causa a sua legítima aspiração, a ideia de ser útil e a ambição natural de todo o desportista...

Os escolhos que um elemento poderá topar no seu caminho, dentro de um clube, ao tentar abrir a sua carreira, equivalem-se aos que ele sentirá ao mudar de colectividade. Estes talvez ultrapassem aqueles... Não admira, pois, que, salvo casos especiais, a adaptação resulte muito difícil, constituindo por vezes um autêntico fracasso. Uma descrença e uma desilusão!

Há que ter em conta, em primeiro lugar, a forma como o *quadro de honra* recebe o novato ou invasor, vindo de outras paragens e quantas vezes de clubes rivais, vendo nele um indivíduo que vem ao assalto e certamente disposto a desalojar alguém da posição ocupada.

Os que já estão racionam que o que vem custou muito dinheiro e que, para eles, tudo se regateia — uns míseros escudos que seja! É evidente que isto não pode deixar de provocar um sentimento colectivo de mal-estar ou repulsa. Depois, no decorrer dos treinos, embora evidenciem qualidades, os pretendentes manifestam fora de dúvida deficiências as quais resultam de múltiplos factores, entre os quais incapacidade, nervosismo de inadaptação, que os veteranos não deixarão de entender e compreender, alargando na medida de seus pensamentos e desejos, indo muitas vezes ao encontro da multidão.

Por outro lado, formam-se imediatamente duas correntes adversas, uma que é pelo *statu quo*, outra que defende a promoção e a consequente passagem à reserva do titular, em obediência à lei cruel mas inelutável da vida. Insensivelmente, cada uma destas correntes — ambas adorando o seu clube, sendo dedicadas e dizendo-se capazes das maiores abnegações! — agem e actuam pelo seu lado, exercendo nefasta influência nos jogadores em causa e confronto. Em certa medida, sob essas paixões, um jogador julga-se como que prestes a ser esbultado do que considera os seus direitos, — estado de espírito que demoraliza quem quer que seja! — e o outro sente-se irremediavelmente batido ou injustamente apreciado, e de aí o mal de se sentir perseguido.

O treinador, se não houver o chamado orientador técnico, deverá ser ainda nesta hipótese o conselheiro, o educador, o homem que pelos seus actos e palavras faça regressar a paz ao espírito dos jogadores, recordando a estes que o interesse dos homens é racional e legítimo, mas que a ele se sobrepõe o Jogo e o Clube. Só haverá conveniência em que o treinador se aperceba a tempo destas desinteligências, aliás, tão vulgares hoje, num Grupo, e que os jogadores confiem inteiramente em aquele que os guia e os dirige. Este sentimento dos jogadores que parece ser difícil advem de outro que se chama crença e confiança no treinador ou no Responsável. Tudo isto fundamentalmente é o reflexo de como os clubes são dirigidos.

TAVARES DA SILVA

Os portugueses em Bruxelas

AS previsões melhor fundamentadas capricha por vezes o destino em dar formal desmentido. Nunca o atletismo português enviou tão confiadamente representantes seus a uma importante competição internacional; Paquete, Alcide e Dias avalizaram a sua selecção com provas suficientes para deles todos esperarmos classificação mais do que meramente figurativa.

No entanto, logo a primeira jornada do torneio nos trouxe um desabar de esperanças: Paquete eliminado numa série ganha em 11 s. e Alcide 9.º classificado no triplo-salto entre dezasseis concorrentes, o que é bastante honroso, mas com a marca de 14^m,01 apenas, o que se não justifica.

Estes nossos dois atletas não são inexperientes em lutas de responsabilidade, ao ponto de ser aceitável semelhante decréscimo de valor atribuído à influência da responsabilidade.

O caso Paquete tem uma atenuante: o mau estado da pista alagada, o que certamente prejudicou bastante o nosso corredor, de tipo ligeiro. E uma explicação: a crise de forma resultante do acidente muscular que sofreu no princípio do mês e que se nos tornava patente nas provas por ele prestadas nos campeonatos nacionais; o Paquete dos 10,6 s. transformara-se num Paquete de 10,9 s., mau grado a sua vontade de bem fazer.

Daqui aos 11, 1 s. de Bruxelas vão os dois décimos de segundo que há a descontar às nossas cronometragens dos 100 m. enquanto não utilizarmos uma pistola regulamentar, de chama bem visível pelos marcadores de tempo.

O problema Alcide é insolúvel; não a sabemos explicar senão pelos consabidos imponderáveis do desporto; o benfiquista, pelo seu verdadeiro valor, é homem para 14^m,50, em média. Uma desvalorização de meio metro parece-nos exagerada.

Poderá argumentar-se com a pista pesada, o clima variável, etc.; mas não basta, e a influência que devia ser igual para todos os concorrentes, não se manifestou nos competidores classificados. É verdade que o sueco Moberg, creditado em mais de quinze metros, não figura nos lugares de honra, mas o vencedor Sherbakov, melhor marca 15^m,70, saltou 15^m,34; Rautio e o turco Serialp obtiveram os seus melhores resultados do ano e Ahmar e Nilson ficaram apenas dezasseis e oito centímetros àquém dos seus máximos de 1950. O caso Alcide, em conclusão, é mais de factor moral do que de factor material.

Compensando estas primeiras contrariedades, veio depois a notícia do comportamento de Álvaro Dias, o atleta em quem depositáramos o mais optimista prognóstico e que no-lo confirmou. Afirmando a sua grande classe o nosso saltador em comprimento obteve, na prova de classificação, a maior distância de todos os concorrentes, 7^m,32, também o seu melhor resultado do ano (em Lisboa, o máximo conseguido fora de 7^m,29); e no dia seguinte, no

concurso definitivo, manifestamente em tarde de infelicidade a que não deve ser indiferente os nervos provocados pela responsabilidade da competição — mais uma vez se comprova a necessidade de contacto internacional — o nosso atleta não conseguiu mais de sete metros, ficando em 4.º lugar, e classificando-se em 1.º o finlandês Bryangerson, precisamente com a marca de 7 metros e 32 alcançada por Álvaro Dias na primeira fase da prova.

É óbvio que os nervos influíram no comportamento do representante português — mas o certo é que Portugal perdeu uma excelente oportunidade de ganhar um título europeu em atletismo.

O "RECORDMAN" DAS LESÕES



JÁ temos referido o caso de vários jogadores, tão infelizes, que conseguiriam um verdadeiro recorde em matéria de lesões. Hoje — oferecemos mais um novo exemplo.

Alan Watkins, do Cardiff City, ao efectuar o seu primeiro treino pelo clube que o adquiriu esta época, magoou-se de tal forma numa perna, quando não havia ainda cinco minutos de jogo que teve de recolher ao hospital.

O facto mais pitoresco desta questão é que Alan Watkins tinha saído do hospital onde se encontrava há dois anos em tratamento de várias lesões que tinha sofrido em alguns jogos de campeonato.

Um treino de cinco minutos serviu de novo a Alan para fazer outro estágio no hospital. Trata-se, pois, de um jogador que bate todos os recordes em matéria de lesões!

Série II — Ano VIII — N.º 404
Lisboa, 30 de Agosto de 1950

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.
Telefone: 31127 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Maria Luísa Malheiro da Silva

melhorou dois recordes
na última jornada dos
Regionais



MARIA LUÍSA MALHEIRO
DA SILVA

A quarta e última jornada dos Campeonatos Regionais da A. N. L., disputada no estádio náutico do Sport Algés e Dafundo, em nada desmereceu das anteriores. O público acorreu em número apreciável, houve provas disputadas com animação e entusiasmo, e algumas marcas dignas de relevo, à frente das quais é justo salientar as obtidas por Maria Luísa Malheiro da Silva nos 100 e 200 metros-livres, principiantes, que ficam constituindo novos recordes dessa categoria.

Os iniciados disputaram apenas uma prova — os 66 metros-mariposa — muito bem ganha por Fernando Trovão (54,3 s.) que, assim, continua a confirmar as suas excelentes aptidões para a modalidade. Ezequiel Gameiro das Neves — um epurificante que se afirma dia a dia — conquistou o título dos 100 metros-livres, num tempo interessante: 1 m. 12 s. A prova foi bem disputada, com relevo, também, para Vítor Casilino (1 m. 12,5 s.) e Vasco Ribeiro (1 m. 15,5 s.). E na estafeta de 3 x 100 metros, três estilos, o Algés averbou novo triunfo, com a equipa formada por Vítor Casilino, Vasco Dias Pereira e Gameiro das Neves.

As provas reservadas a juniores foram muito bem disputadas. Tiveram interesse — e demonstraram a boa condição actual de vários nadadores.

Assim, Dino Mendonça, nos 100 metros-livres, teve actuação a todos os títulos meritória. Percorrendo o hectómetro em 1 m. 10,8 s., não só conquistou merecidamente o título, como demonstrou uma vez mais as suas reais qualidades. Qualidades que o poderiam, com mais perseverança, levar muito longe. Surpre, magnífico segundo, oficialmente creditado de 1 m. 12 s.

Os 200 metros-bruços proporcionaram excelente e merecido triunfo ao esperançoso representante do Adicenas — Arnaldo Santiago — em 3 m. 16, 8 s., à frente de Luís Ricardo Sebastião (3 m. 23,2 s.) e Edmundo Leal da Silva (3 m. 25,1 s.).

Eurico Surpre, Luis Sebastião e Eurico Perdigão constituiram a equipa vencedora da estafeta de 3 x 100 metros, três estilos, no tempo de 4 m. 04,4 s. Os seniores disputaram duas provas individuais: 100 e 200 metros-livres. E em ambas Guilherme Patrone foi nítido vencedor, sem adversário que o apoquentasse.

No hectómetro creditou-se de 1 m. 04,9 s., contra 1 m. 11 s. de Luis do Carmo e 1 m. 13 s. de Belmiro Santos. Nos 200 metros-livres, que percorreu em 2 m. 32,7 s., superiorizou-se a Luis do Carmo (2 m. 45,9 s.), Albano Fidalgo de Oliveira (2 m. 47,5 s.) e Vítor Lopes (2 m. 51,5 s.).

Os seniores correram, também, a estafeta de 3 x 100 metros, três estilos, que o Algés e Dafundo venceu com nitidez. Francó do Vale, Adriano Rodrigues e Patrone, somando 3 m. 55,8 s., supe-

riorizaram-se à turma estorista — Artur Mendes Silva, Albano Oliveira e Vítor Lopes — creditada de 4 m. 05,8 s. No capítulo das provas femininas, há que salientar os dois recordes batidos por Maria Luísa Malheiro da Silva, do Algés e Dafundo. O dos 100 metros-livres, agora fixado em 1 m. 24,3 s., datava de 15 de Setembro de 1944, e pertencia, com a marca de 1 m. 28,2 s., à nadadora Ana Denis Linheiro, do Belenenses. O dos 200 metros-livres, que Maria Luísa Malheiro agora fixou em 3 m. 12,7 s., pertencia a Lucília da Silva Angeja, do Algés, com o tempo de 3 m. 22,4 s., e datava de 29 de Julho de 1945.

Regina Diniz Mendes averbou mais dois títulos: 200 e 400 metros-livres, respectivamente, com 3 m. 39,5 s. e 7 m. 47,8 s. E Lucília da Silva Angeja manteve idêntica proeza na categoria de seniores, com 3 m. 23 s. e 7 m. 08, 4 s. Em ambas as provas, Lucília venceu Odete Maria Nobre.

No que toca à elaboração do programa, afigura-se-nos que a distribuição das provas pelas quatro jornadas necessita de profunda remodelação, por forma a evitarem-se certas incompatibilidades — ou certos intervalos para descanso dos nadadores. É assunto a estudar para o ano. E que certamente não será descurado.

ABREU TORRES

com **Lumière**
não há más

FOTOGRAFIAS

JOSÉ TAVARES SERÁ O FUTURO CENTRO- -AVANÇADO DO BENFICA?

(Continuação da pág. 13)

contrar no Campo Grande o reflexo disso.

«Afinal, deparei com o público mais correcto e mais simpático que tenho conhecido.

— E a tarde mais desagradável, qual foi?

— Aquela em que o Oriental venceu o Académico por 10-1, no campo de Marvila. Creio que joguei mal, muito mal. Coisas da bola...

— Antes do convite para vir até Lisboa, não recebeu outros?

— Sim, recebi. O F. C. Porto e o Sporting da Covilhã pretenderam o meu concurso.

— E o Sporting de Braga? Creio que li algures ter você estado em Braga, a oferecer-se.

— Não é verdade, isso. Estive

em Braga, realmente, mas em passeio, com o Ferreira, meu companheiro de equipa no clube de Viseu. Ele convidou-me para a passeata, e como eu lhe dissesse que só iria no caso de me pagar as passagens, prometeu-me que faria por isso. Fomos, e como o Ferreira ia treinar no Sporting, eu treinei também, sendo-me paga a viagem então, mas treinei por treinar, e a convite do Ferreira.

— Pratica outro desporto além do futebol?

— Não. De vez em quando, por desfastio, entretenho-me a brincar ao ténis de mesa. Mas é o futebol que prende a minha atenção.

E aqui terminou a nossa conversa.

ROSA DE MATOS

VÁRIAS NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO

Atletismo

A ressurreição do atletismo germânico pode considerar-se, já um facto. Basta ver os resultados do recente campeonato nacional excelentemente organizado em Stuttgart.

O velocista Zandt triunfou nos 100 e 200 metros (10,8 e 21,7); Hupperts venceu os 400, em 47,4; Steines bateu os favoritos. Cleve e Ulzheimer, nos 800, realizando 1 m. 50,9 seg.; Lammers fez 3 m. 54 seg., nos 1.500; Schade 14 m. 38,6 seg., na légua e somente o tempo dos 10.000 metros é inferior (31 m. 32,4 seg.); assim como o dos 3 quilómetros com obstáculos (9 m. 28,6 seg.).

Nos concursos também o abaixamento relativo se manifesta. Exceptuando o martelo, que o velho Storch arrojou a 56m,05, o resto é quase banal.

Automobilismo

Nas margens do Lago Lemán disputaram-se duas importantes provas, uma das quais trágicamente assinalada.

Mais uma vez o argentino Juan-Manuel Fangio, conduzindo uma viatura Alfa-Romeu, conquistou brilhante vitória no Grande-Prémio das Nações. Desde o sinal de partida, Fangio carregou no acelerador e jamais foi alcançado. Atrás dele, o audacioso Asecari perdia um segundo em cada volta (o total compreendia 68 percursos) mas ganhava o mesmo sobre os seus perseguidores, Farina, Villorosi e Turuffi.

A 30 quilómetros do fim de chegada, o automóvel de Villorosi patinou sobre uma mancha de óleo, lançando o infeliz volante para o exterior, e foi entrar pela multidão. Três pessoas faleceram imediatamente e há 22 feridas, das quais oito em estado grave.

Fangio completou os 272 Km. do trajecto em 2 horas 7 m. 55 seg. à média de 127,588.

A outra corrida, designada por Gran-

de-Prémio de Genebra coube a Trintignant e era reservada a automóveis de pequena cilindrada.

Trintignant, conduzindo uma Simca percorreu os 180 Km., à média de 120, 933 horários, dominando as marcas Ferruri e Cistália.

O estado de Villorosi, que sofre de fractura exposta da perna direita e da clavícula, sem contar outras contusões de menor importância, não é de molde a inspirar grandes cuidados.

Natação

A natação japonesa conta com outro representante de grande estatura. Trata-se do jovem estudante Noboru Azuma, da Universidade de Nihon, vencedor da prova de 200 metros (estilo livre) no tempo admirável de 2 m. 16,6 seg.

Maruyama e Hamaguchi, que iam na dianteira na penúltima viragem, ficaram em segundo e terceiro lugares.

As semi-finais da corrida de 400 metros (livre) couberam a Furuashi (naturalmente) em 4 m. 42,2 seg. e a Azuma, em 4 m. 45 seg., prevendo-se um porfiado duelo, na prova decisiva, entre o jovem universitário e o prestigioso campeão.

O nadador checo, de grande fundo, Vobr, efectuou uma proeza verdadeiramente excepcional. Partindo de Devin, cerca de Bratislava, desceu o Danúbio até Sturovo — cerca de 155 quilómetros — em 21 horas e 25 minutos.

Companhia Colonial de Navegação


Assegura o serviço regular
de passageiros e carga
para a África Portuguesa
e Brasil

e de carga
para a América do Norte

TERMINA NO DOMINGO EM LEOPOLDVILLE

A digressão do BENFICA ao continente AFRICANO

OITO VITÓRIAS E TRÊS DERROTAS,
NUM TOTAL DE ONZE JOGOS
DISPUTADOS EM VINTE E SETE
DIAS—A IMPRENSA SUL-AFRICANA
RENDE ÉLOGIOS AOS JOGADORES
BENFIQUISTAS—A EQUIPA
REFORÇADA COM DOIS AFRI-
CANOS—A CHEGADA A LISBOA
EFFECTUA-SE NA PRÓXIMA
— SEGUNDA-FEIRA —



O governador geral de Moçambique, sr. comandante Gabriel Teixeira, apertando a mão, no momento da recepção do Benfica, ao jogador António Teixeira, distinguindo-se ainda outros elementos como Arsénio, Rogério, Calado, e mais ao fundo, Felix

REALIZA-SE em Leopoldville, no domingo, o último jogo da série de quinze que o Benfica aprazou para a sua equipa de futebol efectuar em terras de África, no decorrer de uma digressão que, além de ser a maior até hoje efectuada por qualquer clube português, serviu muito bem a projecção da popular colectividade, que aliás já contava nas duas costas do imenso continente africano com milhares de adeptos e simpatizantes.

Tendo saído de Lisboa no dia 25 de Julho, a «turma» benfiquista estreou-se no dia 29 em Lourenço Marques, e efectou até 24 de Agosto — escrevemos a 26, véspera do undécimo jogo — onze prêmios de futebol, dos quais venceu oito e perdeu três, marcando 43 golos contra 15 sofridos. Em Moçambique, o Benfica realizou 5 jogos — sendo um contra a Selecção do Transvaal do Norte, a quem venceu por 4-1 — tendo perdido por 1-3 com a selecção dos naturais da colónia. Nas restantes partidas, venceu por 6-1, 5-0 e 2-1. Na África do Sul, perdeu por 1-5 com a selecção do Norte-Sul do Transvaal, mas os seus jogadores impressionaram bem os jornalistas locais, sendo a derrota atenuada pelo facto dos sul-africanos usarem muito de rudeza — a que estão habituados nos jogos disputados entre eles.

Já de regresso, os benfiquistas encontram-se agora em Angola, e fizeram em Luanda o seu primeiro jogo, no dia 15, vencendo a selecção local por 1-0. Depois, em 19, perderam no Lobito por 1-3, e no dia seguinte jogaram em Benguela, derrotando a selecção daquela cidade por 5-1.

Posteriormente, jogaram em Moçamedes, onde venceram por 10-1, e no dia 24 fizeram um encontro em Sá da Bandeira



O popular Xico Ferreira, capitão do Benfica, recebe após a vitória uma maravilhosa taça, a qual pesa tanto que o seu esforço é evidente, que lhe é entregue pelo sócio n.º 44, o mais antigo benfiquense em terras de África...



A caravana do Benfica, momentos depois de haver chegado de Joanesburgo e antes de abalar para Luanda



A porta do aeroporto de Leopoldville, antes do embarque para Luanda, reconhecem-se vários jogadores: Rogério, Júlio, Arsénio, e o dirigente do clube, dr. Estevão Moreira, com sua esposa

Em Leopoldville Xico Ferreira passeia e distrai-se conversando com alguns admiradores



A linha avançada do Benfica deiza-se fotografar, contente da viagem, em Leopoldville: Corona, Arsénio, Júlio, Rogério, Pascoal e Rosário

com 7-0. Nesta cidade, foi utilizado pelo Benfica um jogador africano, Águas, que alinhou a avançado-centro e marcou 3 golos, tudo indicando que o Benfica trará para a Metrópole o aludido jogador, assim como um médio, de nome Pedro Gomes.

A caravana benfiquista, que por toda a parte tem sido alvo de entusiásticas recepções — reflexo da popularidade de que o clube goza em África — chega a Lisboa no dia 4, devendo a equipa ter jogado ontem em Silva Porto. No dia 1 jogará em Luanda, de novo, e a 3 em Leopoldville.



A GRANDE MARATONA NÁUTICA

do "DAILY MAIL"

O nadador egípcio Hassam Rehim, à frente de nove nadadores consumados, bateu o récorde da travessia da Mancha que percorreu em 11 horas e 3 minutos



Hassam Abdel Rehim (à direita) e Roger Le Morvan, primeiro e segundo classificados na Maratona náutica da Mancha, posam, depois da corrida, para a objectiva fotográfica, sorrindo com beatitude.



Com vigorosas braçadas e escoltado pelo barco de apoio, Hassam Rehim afasta-se da costa francesa a caminho da vitória.

A risonha cidadezinha de Folkestone, na costa de Inglaterra, apresenta-se aos olhos de quem a vê do lado do mar, como um edifício de vários pisos. Em baixo, dispostos em meia-lua, ficam os hotéis, as barracas da feira, o clube do golfe, a piscina municipal, etc., por cima, o casario, acastelado pela encosta.

O ambiente é de febre e expectativa. Há muitos dias que 24 nadadores, de ambos os sexos, várias nacionalidades e diferentes idades, aguardam o momento de seguir para França, donde partirão para Inglaterra, nadando pelos seus próprios meios.

Durante uma semana exaustiva os candidatos têm-se molhado a valer, como exercício preparatório do grande banho geral. Ao contrário do que sucede a tantos, a água não os atemoriza, até os atrai. Nas horas de repouso compulsumos tratados de hidrografia, estudando a direcção e a força das correntes, e imaginam manobras para enganar o inimigo.

Em Cap-Gris-Nez fizeram aos audaciosos uma recepção condigna e pela madrugada de 22, às 2 horas e 36, o comandante em chefe, E. H. Temme, analisadas as condições atmosféricas, deu o ansiado sinal. O tiro de canhão ribombou, fez eco pelas encostas e os corajosos cetáceos humanos, sob a luz de archotes e à vista de imenso público, avançaram, cheios de sebo, para a água. Havia-os de várias idades e sexos. O belga Eduardo Mussche já fora de Anvers a Bates (50 quilómetros); o inglês G. B. Brewster, com 58 anos e menos

cinco que o anterior, tentou treze vezes a Mancha, fracassando outras tantas; a jovem Margaret Ann Feather, de 17 primaveras, desde Março que nada catorze quilómetros na piscina, todos os dias ou quase; o argentino Abertondo, de 23, desceu o Rio Prata em 8 horas; o egípcio Fahmy Attallah, já tentou cinco vezes, sem êxito. Isto, como pano de amostra.

Dos 24 concorrentes que partiram — dúzia e meia masculinos e meia dúzia femininos — ficaram pelo caminho onze homens e quatro mulheres. O tenente egípcio Hassam Abd El Rehim, que em 1948 e em 1949, já havia realizado a mesma proeza nas duas direcções, chegou à costa inglesa, depois de 10 horas e 52 minutos de imersão.

Pouco tempo decorrido arribava o francês Roger Le Morvan, de 26 anos, gastando 11 horas e 3 minutos, e perdendo o prémio de mil libras, oferecido pelo Jornal «Daily Mail».

Passada uma hora chegava outro cidadão egípcio, Hamed Marei Hassan, repetindo a façanha



Eileen Fenton, de 21 anos, chegou tão exausta a Dover que percorreu os últimos metros gatinhando. O prémio de 1.000 libras, oferecido pelo Daily Mail, decerto que lhe dará razoável conforto...

de 1949. Consumiu 12 horas e 16 minutos.

Mais espaçado, depois de 14 horas e 20 minutos de imersão, pôs pé em terra o inglês William S. Rockett, levando na cola o veterano W. E. Barnie, escocês. Em 6.º lugar terminou a mais pequena participante, Eillen Fenton, especialista em salvamentos, gastando 15 horas e 37 minutos. Seguidamente, chegaram Jano Zirganos, grego (16 h. 30 m.), António Abertondo, argentino e a dinamarqueza Jenny Kommergaard. Os restantes, ficaram pelo caminho.

Mas, em suma, podem contar aos netos, quando o vento sopra e as vagas alterosas rebentarem sobre os rochedos da costa: «Certo dia, há trinta anos, estive prestes a vencer o Canal.» E as sereias, como as ninfas do Mondego, chorarão a sorte escura da inviolabilidade perdida:

Oh, Mancha, que foste Mancha!

LUMIÈRE

é a película
dos bons
amadores

Sob a luz de archotes e foguetões, na praia de Gris-Nez (França), a multidão curiosa assistiu à partida dos 24 concorrentes, para a maior corrida náutica de todos os tempos.



Flagrantes

A propósito de considerações de Lança Moreira

O grande favorito raro ganha!

LANÇA MOREIRA trouxe para o meio desportivo português o depoimento sincero e firme do que lhe aconteceu ver no Rio de Janeiro — a quando do torneio mundial de futebol.

Lança Moreira é um apaixonado do desporto que há mais de trinta anos acompanha par e passo o que decorre em tal actividade, no nosso País e no estrangeiro. Como jornalista sempre em evidência, tem conhecimento de tudo quanto de mais importante se passa no Mundo, na sua vida de locutor desenvolve nas emissoras nacionais trabalho tão constante como metódico. Não é, portanto, um desconhecido, mas um grande senhor na esfera desportiva.

O conceituado Lança Moreira teve, ainda, a felicidade de poder arrancar até ao Rio de Janeiro, de onde regressou há pouquíssimo tempo e onde conviveu com todos os «grandes» do futebol mundial que à capital brasileira se deslocaram. Conhece, perfeitamente, portanto, os bastidores da organização futebolística do Brasil e do Mundo.

Ora, Lança Moreira soube vincar com grande realismo o que foram os dias que antecederam a disputa da grande final. Marcou perfeitamente o estado de espirito de toda uma nação que só (?) acreditava na vitória dos seus representantes e adicionou a esse depoimento desinteressado e calmo algumas observações que poderiam representar o que pensavam (?) os adversários dos brasileiros, hoje campeões do Mundo. Esqueceu, entretanto, o Lança Moreira de uma máxima que os ingleses têm: o grande favorito raro ganha! Esse — foi o caso, me parece!

O argumento de que os uruguayos desceram ao campo com a ideia de perder pelo menor número possível de tentos como a síntese dos jogos e resultados que o Uruguai havia feito em relação com os que o Brasil fizera perante os mesmos adversários, também o julgo de menor valor.

Há muitos anos, aí por 1929 ou 1930, as meias finais do Campeonato de Portugal (mais tarde Taça de Portugal) compreendia os jogos Vitória de Setúbal-Belenenses e União-Sporting. Os azuis de Lisboa cometeram a façanha de eliminar os sadinos, em dois jogos que ficaram memoráveis, até pelo que de anormal decorreu durante eles, e tiveram por companheiros na final os resolutos e brilhantes jogadores da equipa do Libertado dos Santos. Eu era, por essa altura, componente da direcção do Belenenses e re-

cordo-me, perfeitamente, deste facto: antes de começar o jogo da final, Libertado dos Santos entregou a Augusto Silva uma placa em prata com estes dizeres: «Ao Clube de Futebol os Belenenses — campeão de Portugal na época de...»

Pois o jogo ia sendo — e só o não foi por milagre! — confirmação da tal máxima dos ingleses. O União Lisboa dominou intensamente em todo o jogo, foi o primeiro grupo a marcar, e perdeu o encontro por dois golos de José Lutz, o extremo-esquerdo dos azuis que, muitas vezes, fazia de aleijado para conseguir uma viglância menos apertada. Diz-se, ainda hoje, que o Belenenses ganhou porque José Luis conseguiu fazer acreditar que, dessa vez, estava de facto impossibilitado de jogar com perigo...

A citação valerá pouco, em relação ao que pretendo demonstrar relativamente à máxima dos ingleses, mas vale como testemunho da grande dificuldade que um grande favorito teve perante o clube que, antes mesmo de jogar, já sabia que estava na presença do futuro campeão de Portugal...

O grande favorito raro ou nunca ganha? Ganha às vezes — só às vezes! Não é o caso de dois valores equilibrados em que a vitória pode pender para este ou para aquele lado — sem dar lugar a suspirar. E' o caso do vencedor infalível — é o caso do Sporting-Tirsense... Estará contudo o Uruguai-Brasil em condições de ser julgado antecipadamente um encontro de vencedor conhecido?

Os uruguayos conhecem o valor do futebol brasileiro, as manhas de que os seus jogadores se servem para devastar o adversário até conseguirem a goleada. Tratam por tu o futebol brasileiro, como dizia aquele guarda-redes célebre para definir melhor o que necessita possuir o jogador encarregado da defesa extrema. Sendo assim, o Uruguai não era, no caso da final, o adversário que o Brasil menos presava... A cousa parece-me outra: houve guerra fria quando os brasileiros se proclamavam antecipadamente campeões do Mundo.

Queriam sê-lo e tinham certo recelo de que o não fossem. De resto, pelo que se conhece deles, como dos espanhóis, irmãos gêmeos no processo de inferiorizar o adversário, não custa nada a erer que o estado psicológico fosse esse.

E' uma maneira, não digo muito desportiva, mas de certa efectividade — essa de fazer derrotar o adversário antes mesmo de começar a luta. Se o adver-

sário sofre de moleza congénita, o caso está evidentemente bem.

O mais ligeiro pronuncio de superioridade cedo se avoluma, galopa rapidissimamente e é, num instante, um tufo. Os assustadicos jogadores de tais equipas parece até terem medo das próprias sombras. Mas se as reacções não são essas? Se os jogadores de tal maneira desafiados cerram os dentes e se dispõem à luta? Quando assim sucede — o caso do Uruguai! — a reacção adversária é que corresponde à prevista, mas é de sinal contrário.

Já lá vai muito tempo, um grupo de grande categoria da Capital leve no Porto um jogo de desempate com os eternos campeões nortenhos. As cousas em Lisboa não tinham decorrido com aquela beleza e cortezia da boa ética desportiva e, por isso, o ambiente na Capital do Norte cortava-se à faca. Os jogadores do Sul, talvez desmoralizados também pelos excessos que haviam cometido no primeiro encontro, não pareciam os daquela equipa aguerrida que sempre se impusera pelo seu destemor. Não lhes faltava valor desportivo. O que escasseava era o Moral! E' foi um jogo de completa perdição! Amolecidos, vexados, os rapazes de Lisboa não tiveram coragem para se dominar e para dominar a guerra fria que se lhes havia feito. Só um deles, por certo o mais valente dizia no auge da preparação para a luta: «Sr. Cândido: eu iria para eles mesmo que me atacassem à navalha».

Bem sabia o rapaz quanto de leais e amigos eram os seus adversários. O que ele queria significar era que bem entendera a preparação da vitória pela equipa visitada — afinal, uma tática que mais tarde se viu empregada nos acontecimentos da própria vida internacional...

De modo que, talvez seja melhor fixar-mo-nos nesta ideia: para vencer, em futebol, o necessário — é não perder. São tantas as circunstâncias que podem pesar numa equipa levando-a à derrota, que de pouco valerão os argumentos dos críticos. As deficiências técnicas e táticas têm peso, evidentemente que têm, mas a sorte do jogo tudo supera e elimina. De resto, a critica realça hoje, muitas vezes, o que condena amanhã. Acusa, por vezes, uma equipa de ganhar merecidamente só porque ela não reteve tanto tempo a bola nos pés como a outra, enaltece essa equipa, de outro modo, porque soube ganhar com menos desenho e mais sentido práctico.

Tudo, afinal, conforme vem ao ponto de vista que interessa defender — até que seja só para contrariar e ter originalidade...

CAMPEONATOS NACIONAIS DE VOUGAS



Realizou-se no Porto, com êxito e muito interesse, o Campeonato Nacional de Vougas. Publicamos a fotografia do barco e da tripulação vencedora, João Rodrigues dos Santos e Eduardo Figueirinhas.



José Marques de Carvalho

Não nos surpreendeu a notícia, José Marques de Carvalho, antigo repórter fotográfico da «Stadium» em Coimbra, há muito vítima de uma pertinaz doença, faleceu no passado dia 17. Mas a notícia não deixou de nos chocar profundamente. O fotógrafo Marques de Carvalho, muito conhecido na Cidade Universitária, era um trabalhador probo e competente, que tinha o culto da sua profissão, tendo revelado sempre a maior dedicação pela nossa Revista, que contava nele um colaborador muito amigo.

«Stadium» apresenta a sua desolada esposa e mais família a expressão do seu profundo pesar.

LUMIÈRE

é a película dos bons amadores

MÁRIO SANTOS

DO IV "DIA POPULAR" AO FESTIVAL DO ADICENSE

DUAS EXCELENTES JORNADAS DE PROPAGANDA DA NATAÇÃO

ENQUANTO em Coimbra, na magnífica piscina municipal, se disputavam as provas máximas da natação portuguesa, Lisboa viveu duas jornadas de características inteiramente diferentes, mas igualmente proveitosas e fecundas. Referimo-nos ao IV «Dia Popular da Natação» e à festa anual do Grupo Sportivo Adicense, que constituíram excelentes jornadas de propaganda e que forneceram duas notas de alegria e de cor, de vibração popular e de entusiasmo, no último domingo vivido ainda pelo lisboeta sem a preocupação do futebol.

O Clube Nacional de Natação levou a efeito, na sua piscina da rua de S. Bento — com o patrocínio do nosso prezado colega «A Bola» — pela quarta vez consecutiva, mais um «Dia Popular». E fê-lo com o escrupuloso cuidado de sempre, pondo na difícil, ingrata e meritória iniciativa o melhor do seu esforço e da sua boa vontade. E, verdade seja, a sua organização de agora resultou indiscutivelmente valiosa, à altura das anteriores.

Desde as oito horas da manhã ao cair da noite, em provas sucessivas, desfilaram pela piscina do Nacional de Natação quatro centenas de jovens nadadores

que pela primeira vez tomavam parte em provas «a sério». Eram rapazes da Mouraria e da Lapa, de S. Bento e da Madragoa, do Bairro de Inglaterra, da Bica, de Belém, da Graça, das Furnas, da Glória, de Pedrouços, do Alfeite, da Ajuda, de Algés de Baixo, de Paço de Arcos e de Santa Quitéria. E a pequena piscina do Nacional foi pequena uma poucas vezes para lhes dar guarida, a eles, com seu entusiasmo transbordante, a lutar em palmo a palmo, e às suas esperanças, aos seus sonhos — o sonho de virem, um dia, a serem alguém na natação lusitana.

E, verdade seja, senão todos — que isso seria impossível — pelo menos alguns revelaram qualidades a aproveitar. Assim, vários dos elementos que, domingo último, deram em S. Bento, a sua «primeira braçada», merecem franco apoio. Competilhes, agora, inscreverem-se nalgum dos clubes da especialidade e continuarem aí, noutras bases e com outra assistência, a prática do seu desporto favorito. Se tal se conseguir e realizar, a iniciativa do prestante Nacional de Natação terá o seu natural complemento — o coroamento que merece.

Por seu turno, o Adicense — agora com um nadador de primeiro plano, o «brucista» Arnaldo Santiago — continua, inquebrantavelmente, a sua cruzada a todos os títulos meritória. A de ensinar a nadar — e a de ser o paladino animoso da propaganda da modalidade no seu bairro.

Graças à sua acção e ao seu espírito de iniciativa, a doca do Jardim do Tabaco registou invulgar animação e serviu de teatro a mais um interessante festival de natação, de características marcadamente populares.

Com o concurso de «Os Belenenses», Nacional e Pedrouços, a festa do Adicense atingiu plenamente os objectivos em vista: testemunhou de forma convincente o labor da popular agremiação e atraiu às muralhas da doca do Jardim do Tabaco centenas de entusiastas da natação.

Foi, em resumo, uma excelente tarde de propaganda. E os dois festivais — o do Adicense e o «Dia Popular» — completando-se, preencheram cabalmente um domingo, em que os «ases» estavam longe, e o público não tinha outras manifestações desportivas.

ABREU TORRES



EM PAÇOS DE FERREIRA — O presidente da Câmara Municipal de Paços de Ferreira, ao realizar-se ali uma prova ciclista, teve a viva satisfação de colocar no peito do corredor Dias Santos, vencedor da 15.ª Volta a Portugal, uma medalha de ouro, representando a homenagem dos desportistas daquela terra e o preito de admiração pelo valoroso ciclista.

AO CABO DE TRINTA ANOS

TODO a crítica desportiva realçou a proeza cometida este ano pelos atletas do Sporting Clube Portugal, vencendo por equipas todos os campeonatos regionais e nacionais disputados em pista. Não houve, porém, quem indicasse que o caso não era inédito e que já por duas vezes um clube tinha conquistado os troféus colectivos dos seis torneios oficiais de pista: o Benfica em 1940 e o Sporting em 1945, este último mais completo pois triunfou também nos dois campeonatos femininos.

Desde que, em 1922, se reatou a actividade do atletismo português, os dois grandes clubes lisboetas coleccionaram os títulos na modalidade; o Sporting a partir dos primeiros anos, o Benfica, mais tarde, em substituição do Internacional que, após período áureo, praticamente desapareceu da competição.

A classificação colectiva foi instituída em 1936, salvo erro, mas se aplicarmos, para efeitos estatísticos o mesmo critério de pontuação aos campeonatos dos anos precedentes, chegámos à seguinte distribuição de títulos.

Os campeonatos de seniores datam como dissemos de 1922 e só em 1925 se não organizou o regional de Lisboa. Nos dois torneios da categoria os clubes campeões foram: Sporting, 21 vezes regional e 20 vezes nacional; Benfica, 6 vezes cada; Internacional, regional em 1924 e nacional em 1922 e 1924; Académico — nacional em 1933.

Campeonatos de Juniores (desde 1928): Sporting, 15 regionais e 10 nacionais; Benfica, 11 e 8, respectivamente; Académico, nacionais em 1933 e 1937; Associação Académica de Coimbra, nacional em 1935.

Campeonatos de Principiantes (desde 1936) Benfica, 7 regionais; Sporting, 5 regionais e 2 nacionais; Casa Pia, regionais em 1938 e 1939; Belenenses, regional em 1936.

Campeonatos de Estreantes

(Regionais de 1933 a 1945); Sporting, 6; Benfica, 5; Casa Pia, 1.

No total: Sporting, 79 títulos; Benfica, 43; Internacional e Casa Pia, 3; Belenenses, Associação Académica e Académico, 1.

Por esse mundo fora

Atletismo

Representantes de 21 países, entre os quais Portugal, que enviou Tomás Paquete (100 e 200 metros), Luis Alcide (triplo e comprimento) e Alvaro Dias (comprimento) desfilaram ante o público belga, que concorreu em grande número, apesar da chuva iminente.

Dois recordes mundiais, além do de Zatopek, foram melhorados nesta última semana. Primeiro o da distância de 839 jardas (804^m.62) que o mulato americano Mel Whitfield fixou em 1 m. 49.2 seg., empareilhando com o inglês Sidney Wooderson; depois, o do peso que Jim Fuchs atirou a 17.91 m. em Visby (Gotland).

O primeiro tempo, de Whitfield, não corresponde à façanha admirável do falecido corredor Rudolfo Harbig, que em 1939, em Milão fez 800 metros em 1 m. 46.6 seg., actual recorde da referida distância.

Automobilismo

O Grande-Prémio da Alemanha realizou-se no famoso percurso de Nurburgring, em Stuttgart, pela primeira vez depois da guerra. Cerca de 400.000 pessoas estiveram presentes, assistindo à competição entre dez condutores alemães e a vinte e sete estrangeiros.

O percurso, que consistia em 16 voltas de pista, no total de 364,900 Kms., foi galgado em 2 h. 55 m. 0.8 seg. pelo «cass italiano» Ascari, pilotando uma viatura Ferrari, à média de 127,700 Kms.. Em 2.º lugar classificou-se o francês René Simon, numa Simca-Gordini.

Yon Bruichitch, o notável corredor de antes da guerra, reapareceu mas teve de abandonar a prova por deficiência mecânica.

O Grande Prémio de Itália, a última corrida que conta para o Campeonato do Mundo dos condutores, será disputado a 3 de Setembro, no autódromo de Monza.

A expectativa, em redor deste importante acontecimento, é enorme, pois, actualmente, há três automobilistas capazes de conquistar o ambicionado troféu. Trata-se do argentino Juan-Manuel Fangio (26 pts.), e dos italianos Fangio (24 pts.) e Farina (22 pts.).

O "BRUXO"

do futebol italiano fracassou!



HÁ em Nápoles um «bruxo» chamado Ângelo que tem grande popularidade nos meios futebolísticos de toda a Itália.

Parece que os seus vaticínios sobre o porvir são maravilhosos e... infalíveis! Em matéria desportiva alcançou tal êxito que, todas as épocas predizia o vencedor do campeonato de Itália. E o mais curioso é que acertava em cheio.

Ainda, há pouco tempo, o famoso vidente afirmou que Fausto Coppi não terminaria a Volta a Itália, e, como todos sabemos, um grave desastre afastou Coppi do Giro de Itália.

Mas o prestígio do mago Ângelo sofreu agora um duro golpe com a disputa do Campeonato do Mundo, assegurando a que a selecção de Itália ganharia o campeonato em dura luta com a Inglaterra...

Os espíritos do Ângelo, desta vez, não lhe foram favoráveis. Talvez, no entanto, que o vidente lhes tivesse pregado alguma partida. E os bruxos também são rancorosos, e amor com amor se paga...

Com LUMIÈRE
não há más
fotografias

ASSINEM

A "STADIUM"

Semana da Vela em CASCAIS



O sr. prof. Oliveira Salazar, presidente do Conselho, acompanhado dos srs. ministros da Marinha e das Obras Públicas, ao visitar a sede do Clube Naval de Cascais



Uma bela e curiosa largada de «Snipes»



O sr. comandante Américo Tomás, ministro da Marinha, dando a largada a uma das regatas do último dia



O eng. Rebelo de André tripulando o Lusito 101 em que saiu vencedor na prova dos antigos jilidos da Mocidade Portuguesa



O Juri que dirigiu e orientou as regatas de Cascais

Calema — um elegante iate...



O francês Serge Korfan no barco com que ganhou a classe «Sharpte 9»



O velejador José Resende que conseguiu apenas isto: — vencer todas as regatas da classe «Vougar». E se mais houvera...



Um trecho muito belo da prova de «sharpies 12», vendo-se à frente o «P. 27» com Meleiro de Sousa e Miguel Castanha, vencedores da Série

O barco que acompanhou as regatas levando a bordo numeroso público



Surpreendente aspecto de uma das regatas de «stars»





Francisco Retorta, considerado dirigente do Benfica e chefe da missão à África, recebe à chegada a Lourenço Marques o cumprimento cordial e devotado do presidente do Desportivo, clube local e filial do Benfica, dr. Sousa Neves, grande inspirador e promotor da bela viagem benfiquense.

O BENFICA VAI REUNIR-SE EM ASSEMBLEIA A 9 OU 10 DE SETEMBRO

FRANCISCO RETORTA APRESENTARÁ ABERTAMENTE A QUESTÃO

—Concordam com os meus actos? Se sim, ficarei. Se não—continuarei "benfica" mas desapareço da liça...

FRANCISCO RETORTA, vice-presidente do Benfica, e, porque não dizê-lo?, orientador categorizado do clube nos últimos tempos, que, em grande parte, lhe deve a carreira gloriosa da temporada finda de futebol e vários outros êxitos, regressou de África, na companhia de três jogadores, Moreira, Júlio e Felix. Logo o facto provocou curiosidade e alarme, consequência de certos antecedentes.

Prescrutando nas camadas benfiquenses não foi difícil averiguar que, continuando a confiar no seu respectivo vice-presidente, a ansiedade de determinados associados resultava de se considerar, ou, pelo menos, de haver a hipótese de considerar que a viagem do Benfica a África havia enfraquecido muito o potencial do seu futebol ou do grupo de honra; e de aí estar em causa a sua classificação no Campeonato que começará dentro de pouco tempo. Quanto a essa corrente o enfraquecimento seria provocado não só pela quantidade dos encontros que o Benfica foi obrigado a disputar como por se ter dado, segundo se dizia, muitas *largas* aos jogadores, influido esse trato no rendimento em campo e nos resultados adversos que se verificaram. A este sentimento, segundo averiguámos, não era estranho o que os cronistas Rebelo da Silva e Joaquim Bogalho, acompanhantes do grupo, escreveram, dada a sua reconhecida filiação clubista.

O caso só nos interessa, verdadeiramente, pela sua projecção dado estar em causa a orientação de um grande clube e a reputação de um dirigente que, incarnando as boas e más qualidades de desportista, se tem imposto e por isso vincado forte personalidade. É evidente que o prestígio de um homem de semelhante *têmpera* não se abala de um momento para o outro. Só por fortes razões...

Procurámos, pois, descobrir a verdade. Onde estava a razão? Em aqueles que entendem haver sido desferido um forte e rude abalo na primeira linha do Benfica e na sua potência não se mantendo ainda as linhas éticas do *são* desportivismo; ou na opinião que parece aglutinar a maioria dos associados de que o Benfica conseguiu mais um belo êxito com a sua viagem à África, e mesmo de grande expansão

clubista, e até de exaltação do Benfica?

Já, ao regressar, num diário de Lisboa, «O Século», Francisco

Retorta desmentiu categoricamente que se tivessem verificado os efeitos nefastos e desvastadores na categoria de honra apregoados pelos dois críticos. Acrescentaremos de nossa indagação: todos os jogadores, à excepção dos três que vieram, um pouco combalidos, mas sem importância de maior, encontram-se em satisfatórias condições físicas. A mudança de clima, ambiente, local e comidas, sendo naturalmente sensível, não influiu neles de tal modo que os tivesse inferiorizado como jogadores de futebol. Continuam a ser os mesmíssimos homens que eram!

O que se torna indispensável é apreciar a viagem do Benfica na verdade sobrecarregada de encontros mas por necessidade de a tornar possível e comportável, à luz das realidades e não utopicamente.

Os chamados *residentes* em Lourenço Marques desejavam resultados volumosos a favor do Benfica e não se importavam com as exhibições — começaram por dizer:.. mas uma vez conseguidos esses resultados pretendiam então as exhibições... É da condição humana ser insatisfeito, mas o certo é que não se podia exigir aos jogadores o *sacrifício* característico de uma competição a sério. Nem os jogadores, numa viagem desta natureza, encaram as partidas com a mesma responsabilidade nem têm poder de concentração semelhante ao que deriva da concorrência numa prova. A viagem do Benfica não levava, evidentemente, a intenção de esmagar em campo os clubes de África, mas outros objectivos mais elevados.

Julgamos saber que o pensamento de Francisco Retorta é o seguinte: — A viagem não constituiu um êxito de propaganda clubista tão grande como ele próprio pensava, embora fosse carinhosa e entusiástica a recepção, com muitas festas, banquetes e outras demonstrações de apreço, simpatia e amizade. No ponto de vista desportivo, o Benfica fez muitos jogos bons, de qualidade, e poucos maus, sendo vencido por uma equipa que não se esperava — coisas do futebol; e por outra, do Transval, que era manifestamente superior em estado físico e atlético, mas apesar de isso o resultado deve-se à natural depressão causada pela diferença de hábitos e de comidas, e sobretudo ao fraco rendimento evidenciado por Contreiras, Júlio e Moreira, numa daquelas *tardes* que

todos os jogadores encontram na sua vida...

Sabemos, por outro lado, que todos os elementos se comportaram disciplinadamente, ao contrário do que se poderia supor por algumas informações prestadas, seguindo regras de viver puras e não havendo abusos — que tal não consentiria, aliás, o vice-presidente do Benfica. Devendo ter-se em conta, no entanto, que a vida social de hoje não consente um império despótico sobre os que jogam o futebol mas que fazem parte integrante da sociedade actual.

Mas Francisco Retorta, com tudo isto, mostra-se descontente e aborrecido, que não abatido ou mais fraco na sua tenção de servir o clube. Não esconde esse aborrecimento. De resto, quem tem a consciência tranquila não se desmoraliza facilmente, não sendo o primeiro golpe capaz de o atirar a terra. Pelo contrário, muitas vezes estas situações contribuem cada vez mais para a de-

voção e sacrifício! Isso está, aliás, a verificar-se.

Que resultará disto tudo?

A 9 ou 10 de Setembro próximo haverá, e eis a grande novidade, uma assembleia geral do Sport Lisboa e Benfica em que Francisco Retorta dará conta de todos os seus actos, relatando a viagem do Benfica por ele chefiada a terras portuguesas de África. Se a assembleia ratificar a confiança ao seu dedicado vice-presidente, este continuará inteiramente a orientar o clube, procurando contribuir para o prestígio e expansão que no fundo foram aumentados, apesar de tudo quanto se diga, com esta discutida viagem a Moçambique, Angola e outras regiões africanas. No caso contrário, o conhecido dirigente abandonará tranquilamente as suas funções, perdendo o clube um sólido valor. Mas em qualquer das hipóteses não se perderá, estamos certos disso, um benfiquense da mais pura raça.

Campeonatos Regionais de ATLETISMO da F. N. A. T.



No Estádio Nacional disputaram-se no último domingo os campeonatos regionais de atletismo entre atletas dos vários Centros de Alegria ou Grupos Desportivos filiados na F. N. A. T.. O nosso cliché fixa um lote de concorrentes aos referidos campeonatos.

DIA POPULAR DE NATAÇÃO



Um grupo de participantes no «Dia Popular de Natações».

Adélia Pinto Antunes e Irene Simões, do Bairro de S. Ben

VITÓRIA SPORT CLUBE DE GUIMARÃES

O Vitória de Guimarães e o Estoril salvaram-se quase pela tangente. Dois pontos separaram estes dois clubes do penúltimo classificado — «O Elvas» — que baixou à II Divisão. Qualquer das equipas citadas teve comportamento apagado, o que não admira, atendendo à modestíssima classificação obtida.

Os vimaranenses fizeram uma prova sem rasgos, avultando a sua incapacidade nos jogos em campo adverso. Apenas três clubes não conseguiram ganhar fora este ano — e o Vitória de Guimarães foi um deles.

E, contudo, os ex-campeões do Minho foram sempre — e são-no ainda — fortes adversários no seu reduto. Esta disparidade é já tradicional nos clubes da Província e acentuadamente no Vitória vimaranense.

No dia em que a equipa de Franklin conseguiu triunfar desse complexo de inferioridade que a ataca nas digressões, os vimaranenses poderão pensar em grandes cometimentos. Assim, é difícil.

No Campeonato findo, o Vitória de Guimarães averbou ainda 4 empates, o que já não é para desprezar. Quatro outras fizeram pior, e entre elas, a turma portuense, com uma vitória e um empate, apenas.

Um esforço mais, e os vimaranenses obterão enfim a alegria de regressar à sua terra na posição de triunfadores!...

ESTATÍSTICA

Sete vitórias, sete empates e doze derrotas, 45 golos marcados e 59 sofridos — eis a expressão numérica do labor do Vitória minhoto no último Campeonato. Em relação à época anterior, registaram-se cifras ligeiramente piores. Não temos dúvidas em confiar que na prova que se avizinha, haja o reverso da medalha: melhoria de cifras, especialmente em bolas marcadas, à parte a contagem de pontos...

Sempre é um «internacional» que vai comandar o eixo do ataque vimaranense!...

Em 1949-50, o Vitória foi penúltimo no capítulo de golos marcados. Foram autores: Franklin 12; Teixeira da Silva 11; Custódio 8; Brioso 7; Rebelo 4; Miguel, Magalhães e Machado, um cada.

O Vitória de Guimarães concorre na Divisão Maior desde 1943-44, obtendo nos quatro primeiros anos o 8.º lugar. Em 1947-48 subiu ao 7.º posto e, a seguir, ao 6.º, para descer agora ao 11.º lugar.

Nestes sete anos de «futebol grande», o Vitória disputou 162 desafios, dos quais ganhou 50, empatou 31 e perdeu 81. Marcou 286 golos contra 396 sofridos.

Como habitualmente, eis as melhores marcas, em cada época: 1943-44: 2-1 (Olhanense e Salvagueiros); 1944-45: 3-0 e 4-1 (F. C. Porto e Académica); 1945-46: 5-0 (Elvas); 1946-47: 8-0 (Boavista); 1947-48: 7-1 (Elvas); 1948-49: 5-0 (Setúbal e Lusitano); 1949-50: 3-0 e 4-1 (Académica e Lusitano).

GRUPO DESPORTIVO ESTORIL-PRAIA

A baixa de forma do Estoril chegou a ser, para nós, um atractivo. Porque nunca deixamos de confiar no valor real dessa equipa e nos interessava saber até que ponto iria o Estoril na sua «teimosia» em não largar a zona perigosa. O que prevíamos, saiu certo. Nos embates decisivos, o «onze» da Costa do Sol jogou o suficiente para garantir a sua permanência no «seio dos grandes». Deu-se até ao luxo de bater, na última jornada, o recorde do torneio, ao vencer por 10-0 o Lusitano.

Houve de tudo, naquela equipa do Estoril: desorientação, entusiasmo, desinteresse, infelicidade, boas, más e irreconhecíveis exibições.

Os problemas da Secretaria reflectem-se no campo dos jogos. E vice-versa, mas em menor escala...

O «onze» amarelo, recheado de bons futebolistas, confirmou indirectamente que o futebol é sobretudo um jogo de equipa e a unidade dos seus elementos o seu principal factor. E os estorilenses, mais psicologicamente do que tecnicamente, não formaram o conjunto ideal. Se culpas houve — é um pormenor que não nos interessa esmugar. Casos destes são vulgares e passam despercebidos ao grande público. No caso do Estoril, a diferença incide no facto de se tratar dum clube que se elevou, de maneira rara e brilhante, aos pináculos do Futebol português.

Com
Operários portugueses
Técnicos portugueses
Capitais portugueses



fabrica

PNEUS E CAMARAS DE AR
para bicicletas

de qualidade e quantidade
que excede as necessidades
nacionais

Companhia Nacional de Pneus

S. A. R. L.
PORTO

Para a época que se inicia, o Estoril apresentará um «team» diferente. Menos «ases» — mas mais vontade de acertar, talvez...

ESTATÍSTICA

No Campeonato Nacional de 1949-50, o Estoril-Praia classificou-se em 12.º lugar, com igual número de pontos do Vitória de Guimarães. Na descriminação da contagem de pontos não tem comparação, a não ser nos resultados globais. Sofreu tantas derrotas em «casa» como «fora». Obteve 5 vitórias e 2 empates no seu campo e 2 vitórias e cinco empates no do adversário. Apenas o Benfica e o Sporting conseguiram melhor fora de casa. Esta amostra classifica desde já o Estoril num lugar à parte, para além dos resultados.

O seu «goal-average» foi neste ano de 49-50, algo, pior que nos transactos.

O «internacional» Mota foi o melhor marcador da equipa, embora não tivesse alinhado numa boa parte dos jogos. Obteve 10 golos; Nunes e Vieira, 8 cada; Gonzaga 6; Negrata e Raúl Silva, 4; Fandiño e Hernani, 3; Eloi 2; Cassiano, 1; e Fontes (Set.) na própria baliza.

O ingresso do Estoril na I Divisão verificou-se em 1944-45, e sempre com bons resultados, excepto na época passada. Foi 6.º no primeiro ano, não concorreu no seguinte, foi 5.º em 1947 e 1949, e 4.º em 1948. Agora, uma modestíssima 12.ª classificação...

Nos 122 jogos disputados até agora, a contar para o Campeonato Nacional, os estorilistas ganharam 57, empataram 21, per-

Dois novos recordes do Mundo

No decurso da terceira jornada do encontro de natação entre americanos e japoneses, o célebre Furuhashi bateu o seu recorde do Mundo dos 800 metros-livres, com 9 m. 42 s. 8/10. Em Agosto do ano passado, em Los Angeles, o campeão nipónico tinha feito 9 m. 35 s. 1/10, mas o recorde não foi homologado.

A equipa americana de 4 x 200 metros-livres bateu, também, o recorde do Mundo, com 8 m. 42 s. 8/10, melhorando, assim, a marca de 8 m. 46 s., obtida nos Jogos Olímpicos de Londres.

CLUBE SPORTIVO DE PEDROUÇOS

Escreve-nos o Clube Sportivo de Pedrouços para agradecer a forma como acompanhamos as festas comemorativas do 31.º aniversário do clube.
Registamos a deliezenza.

deram 44, e marcaram 357 golos contra 251. Pertencem àquele restricto número de equipas que registam saldo positivo nestes resultados.

As melhores marcas do Estoril foram: em 1944-45: 8-1 (Porto); 1946-47: 9-0 (Sanjoanense); 1947-48: 7-0 (Académica); 1948-49: 8-1 (Boavista); e 1949-50: 10-0 (Lusitano).

VASCO SANTOS

DEPOIS DA VOLTA

CONCLUIDA a corrida da Volta a Portugal em bicicleta, modelo de organização que dignificou o desporto nacional e fez esquecer o lamentável fracasso do ano passado, ocorre tirar conclusões sobre determinados factos ligados à prova, e que podem ter importância para o futuro.

Um dos problemas mais discutidos é, sem dúvida, o da importação de corredores estrangeiros para serem incorporados nas equipas dos clubes portugueses. Resulta benéfica? Traz vantagens aos importadores?

Se à primeira pergunta se pode responder alegando prós ou contras, invocando aprendizagem para os nossos ciclistas pelo íntimo contacto com homens mais experientes e conhecedores, a resposta à segunda é francamente negativa.

Os vencedores da corrida foram, felizmente, portugueses; tanto individual como colectivamente. E o interesse da competição alimenta-se, no espírito público, pela luta que entre si travam os adversários portugueses, importando-lhe muito menos as proezas dos estrangeiros, independentemente da camisola que vestem.

Parece-nos, portanto, que se deve limitar o número de estrangeiros a incluir nas equipas dos clubes portugueses; a determinação vigente, fixando esse número em um terço da totalidade não é suficiente, porque os clubes recrutam elementos nacionais de ocasião, que abandonam a prova no dia seguinte à partida, mas alinharam para fazer o número necessário.

Para resolver satisfatoriamente o problema, afiguram-se-nos indispensável, para futuro limitar o número máximo de componentes de cada equipa (por exemplo, seis, com dois estrangeiros) e admitir a inscrição de individuais portugueses pelos mesmos clubes, com a faculdade de os trazer à equipa respectiva em substituição dos desistentes.

CASA DESPORTO

EMBLEMAS BORDADOS • GALHARDETES
BANDEIRAS E ESTANDARTES

194, Rua da Madalena, 196

Consultem sempre os nossos preços. Facilidade de pagamento aos Clubes

CARTA DO BRASIL

PRINCIPIOU O CAMPEONATO CARIOCA DE FUTEBOL

Especial para a "Stadium" do nosso correspondente CANDEIAS ALVAREZ

Evos corrente de que nunca um campeonato carioca de futebol apresentou tanta surpresa de vulto como este que agora se iniciou.

Chega-se mesmo ao ponto de afirmar não haver memória de, ao fim de duas jornadas, se encontrarem encabeçando a tabela, dois *posteiros*, sendo que um deles ainda não havia jogado e já tinha vantagem de pontos.

E nunca o Flamengo se viu como agora na incómoda posição de lanterna vermelha, lugar incompatível com o seu passado e para o qual não estava fadado.

Promete muito pouco interesse o campeonato de 1959. Vasco da Gama e Banagu são até agora — e duvidamos que deixem de o ser — os únicos em condições de decidirem entre si o título máximo. O primeiro, pouco habituado à conquista do campeonato carioca em anos pares, pretende desta vez quebrar a tradição no que acreditamos pois que no seu plantel existe o que há de melhor no futebol carioca, o brasileiro sendo difícil — contudo, não impossível — a quebra da homogeneidade que existe no eleven.

O segundo, em relevante período de reabilitação, depois de quase 20 anos de ostracismo, dispôs-se pela força das suas conquistas a empurrar no lado dos grandes, Vasco, Flamengo, Fluminense e Botafogo, com a vantagem de quantos elementos esta tenha necessidade. O princípio da campanha dos banguenses é deveras animadora e se a máquina não emperrar é natural que consigam ver coronados de êxito os esforços dispendidos e o trabalho eficiente dos que orientam a equipa.

Os restantes não parecem nem com força nem com disposição para alcançar posições conquistadas anteriormente. Muito especialmente o trio Fluminense-Flamengo e Botafogo atravessa uma das mais graves crises, não só no campo dos valores em si, como ainda monetariamente.

O tricolor, com a dispensa de Ondino Vieira, que reputamos como o técnico mais conceituado de quantos existem no Brasil, com o abandono do plano de trabalho por este iniciado no sentido de uma ampla renovação de valores e ainda na ânsia de conquista de algumas centenas de milhares de cruzeiros, vendendo elementos que eram considerados imprescindíveis tais como Bigode, Indio e Rodrigues achou-se de um momento para o outro impossibilitado de poder apresentar uma equipa digna do tri-campeonato. Não que nas Laranjeiras não existam valores que dentro de um ou dois anos possam alcançar o estrelato. Existem de facto. Mas é demasiadamente cedo para serem lançados com êxito numa luta inglória cujas consequências para o seu futuro podem ser terríveis.

E os directores do Fluminense resolveram voltar a abrir o cofre, mas desta vez para tirarem o que lá tinham posto e já andam pelo Brasil afora em busca, nos centros habituais, dos elementos básicos para a consistência do *team*. Os dois empates concedidos nas duas primeiras jornadas do Campeonato só o ficam devendo a esse magnífico guarda-redes Castilho.

O Flamengo está ainda em pior situação. Não tendo nas suas equipas secundárias elementos capazes de poderem arcar com a responsabilidade de um *team* principal, depois da conquista de Bigode, resolveu-se a ceder Zizinho pelo preço de 800 contos.

Qual Diógenes começaram depois em busca de homem que substituiria o mais famoso interior que já vimos e foram encontrar em Porto Alegre um jovem cujas exhibições convincentes chegaram ao conhecimento da Capital.

Quatrocentos contos custou o seu passe e sem aclimação, apenas com dois treinos, e-lo absolutamente desconhecido dos seus companheiros servindo de cobaia para os 6 a 0 que o Banagu infligiu ao rubro-negro.

A dispensa de Gentil Cardoso não foi mais que uma consequência dos repetidos fracassos a que a equipa se vinha sujeitando. Alguém, neste caso, tinha de ser o *elode* expiatório. E dispensando o técnico, a direcção do Flamengo não só evitou os argumentos contundentes sobre as péssimas aquisições feitas, como ainda se justificou perante a massa associativa.

Quanto ao Botafogo vem-lo fadado para uma das piores campanhas, jamais

vistas na vida do glorioso. A maior parte dos seus elementos básicos atingiram já o limite máximo que se lhes pode exigir e por outro lado a Columbia serviu também para enfraquecer o seu plantel, uma vez que o alvi-negro foi o mais prejudicado com o exodo. Geninho, a alma e coração da equipa já ultrapassado a casa dos 30 anos, não pode só-ninho levar o grupo a conquistar as vitórias de que tenha necessidade. Pirilo apesar do muito que ainda se diz sobre o veteraníssimo jogador passa a maior parte do tempo tentando curar antigas lesões. E, para êculo, dois elementos, que vinham brilhando, ofuscaram-se. São eles Osvaldo e Avila, sendo que o segundo usando e abusando do jogo violento. A péssima situação financeira do clube não permite a aquisição de novos elementos de valor que atingiram um preço que chega ao inverosímil. Vê-se pois o Botafogo na contingência de contar única e exclusivamente com a prata da casa — o que poucas aspirações lhe poderá dar.

Os restantes, os chamados fracos, até ao momento são dignos de todos os encômios. A valorização verificada em quase todos não é só uma consequência da quebra de poderio dos grandes. Ela é fruto de um trabalho metódico e consciente cujos benefícios são evidentes. De todos eles destaca-se o América e o Madureira como os que têm mais possibilidades de destaque. Mas não podemos deixar de enlugar todos em geral pela vontade demonstrada.

Foi inaugurada a sede náutica do Vasco da Gama

Otem, na Lagoa Rodrigo de Freitas, o Vasco da Gama inaugurou a sua sede náutica cujo valor está orçado em 20

milhões de cruzeiros. Com a assistência de milhares de vascainos que ali se deslocaram propositalmente e perante o prefeito da cidade, general Angelo Mendes de Morais, foi feita a entrega ao Departamento de Remo das mais modernas instalações que existem na América do Sul. O edifício construído em linhas sóbrias consta de três andares de uma cave, onde se encontram instaladas a carpintaria, e diversas dependências, sendo de admirar não só o Departamento Médico como ainda os alojamentos dos atletas e o grande salão de baile com capacidade para 1.000 pessoas. Assim, continua o Vasco da Gama engrandecendo o desporto brasileiro da mesma forma que se engrandece a si mesmo.

Uma partida de futebol que começa no campo e acaba na prisão...

Notícias procedentes de Buenos Aires dizem-nos que durante a realização do encontro para o campeonato argentino disputado entre os quadros dos Huracan e Velaz Sarsfield surgiu um incidente de tal forma grande que, no final, todos os jogadores foram detidos, ficando 72 horas na cadeia para acalmar os nervos... Mais detalhes nos chegam, porém...

Continuam detidos na prisão de Contraventores, onde permanecerá por três dias os jogadores do Huracan e do Velaz Sarsfield que ontem se empenharam em luta corporal, com socos e pontapés, durante a partida do campeonato da primeira divisão. Pela primeira vez na história do futebol argentino uma partida de futebol começa no campo e termina na prisão.

O chefe da policia tinha advertido no principio deste ano que puniria rigorosamente actos desta natureza e, como se vê, está disposto a cumprir sua palavra, pois a pena imposta aos vinte e dois jogadores não é remível. Todos eles serão ainda processados por desordens. Os dirigentes do Huracan dão como único culpado pelo incidente o árbitro inglês Meade que nunca soube reprimir o jogo violento. O vice-presidente Alberto Barros acusa os jogadores do Sarsfield e os dirigentes deste por seu turno afirmam também que o *referee* britânico foi o culpado. Meade, por seu lado, diz que nunca viu nada igual num campo de futebol, em 17 anos de arbitragens na França, Itália, Egipto, Austria e Inglaterra...



A TAÇA DE OURO DE PÓVOA DO VARZIM FOI GANHA PELO AUTOMOBILISTA FILIPE NOGUEIRA — Esta prova de pericia organizada pela segunda vez pelo Clube Desportivo do Póvoa concorreu n grupo de automobilistas de verdadeira qualidade. Em 1949 conquistara o trofeu Joaquim Filipe Nogueira. Pois bem! O conhecido desportista tomou-lhe o gosto, e voltou este ano a cometer a mesma proeza. Foi o primeiro da classificação geral. Mais: foi também o segundo... Manuel Nunes dos Santos fez uma boa prova, e José Cabral esteve manifestamente infeliz. João Bizarro Soares classificou-se em 3.º. A prova merece repetir-se todas as épocas.

Noveltex L. da

Telefone 2841

Pazendas • Modas • Confeccões

RUA DO COMÉRCIO, 84

VISEU

Lanifícios para
HOMEM E SENHORA

No seu próprio interesse
não compre sem confrontar
os nossos preços

SEMPRE SALDOS DE LANIFÍCIOS



que, mais que a ver, vão para que as vejam. Não creio em mulheres «aficionadas, mas o bezerro de agora enche as Praças com mulheres. E algumas admiradoras da Cintron, chegam a dizer: — A esse bichinho cor de café com leite, e com as pontas das banaminhas cortadas, era eu capaz de dar-lhe umas «Verónicas» com o meu impermeável de plezi-glás.

A os «aficionados» que vamos ver tourear bem, escamoteiam-nos as «faenas» porque os tourinhos moribundos «não passam» e, se pasam, deixam-se cair. Se os tourinhos «preparados» saem com mais força que a rejeitada pelos doutores em «química», os recortes dos piões, que até os fazem chocar nos «burladeros», e a «cartoca» dos picadores, deixam o bezerro quase morto.

O único problema que os «espadas-telefonistas» encontram ante o ex-inimigo agonizante, é o dos operários manhosos: Aguenta-te aí um bocadinho e ajuda-me para eu fingir que faço alguma coisa e poder ganhar o dinheiro».

Muitos ingénuaos supõem que por assistir a todas as corridas que se celebram em Madrid, e algumas de províncias, chegaram à posse da verdade.

Olé! Bravo!! — rugia um assíduo concorrente — És o melhor! Digo-te eu que há trinta anos vejo touros!

— Trinta nos vendo touros e aplaude «isso»?

— Sim, senhor! E então? Então, perdeu o tempo, e o dinheiro. Só lhe ficou a voz.

Porque foi «Gallito» o melhor toureiro de todas as épocas? Porque tinha domínio, arte e valor.

Ao touro incerto, que enganchava a Belmonte ao segundo passe e o mandava para dentro, saia «Gallito» e ao quinto «muletazo» — dobrando-o, castigando-o, corrigindo-o, fazia dele o que queria e agarrava-o pelas orelhas, não pelas hastes como agora.

Viram os espectadores modernos fazer isto alguma vez? E a touros com barbas, como os de então, nunca, nunca viram!

Conselhos de «Gallito» a Belmonte:

«Devemos regressar ao hotel tal como saímos para a Praça, sem uma mancha nem uma ruga. E cuidado com o preço dos bilhetes; quanto mais sobem mais nos gritarão os espectadores.

E cuidado também com a quadilha. Que todos obedecem à voz de mando. É preferível um «capotazo» a menos — ainda que aumente o risco — que a excessiva brega, que descompõe e «avisa» o touro.

O toureio é uma arte com regras que é preciso impor aos subalternos.»

«Os aficionados» modernos, a quem chamaremos espectadores apenas, não têm «afición» aos touros, nem ao toureio, mas aos toureiros. Vão ver como «estão» os toureiros. E acontece-lhe também o mesmo que às mulheres

«Fixem-se mais no touro que no toureiro. A este ponham caras as ovações e as voltas à arena, tão caras como as entradas para a Praça. Não tirem o lenço da algibeira se não para se assoar, isto é, não peçam orelhas, pelo menos durante uma dúzia de anos, como compensação aos rabos e patas nos últimos anos «regalados» a toureirinhos de salão. E indiferença a quanto se execute nas arenas se lá não está o touro de cinco anos, com poder e sem «preparação». E não tocar as palmas nem para pedir uma gazoza.

«Mandar e carregar a sorte é a mesma coisa, equivocado «capitalista» do Ateneu, Domingo Ortega. E esqueceu-se, em troca, do quarto tempo dos lances, «rematar», talvez porque se retira das arenas sem ter «rematado» um passe com a esquerda. Por isso foi um meio toureiro, como é um meio filósofo. Filósofo completo é Ortega y Gasset, que não é apenas Ortega. Parar, «templar», mandar e «rematar» só o soube fazer com a mão direita, sem dúvida maravilhosamente.

Finalmente, um comentário de Sassone ao livro donde extractamos estas máximas: «Não diz Juan Brasa na sua catilinaria que nunca se toureou mais cerca e com mais quietitude que desde

a aparição do chorado e involvidável «Manoletes».

Aprás-me a mim dizê-lo. Mas, significa isto que nunca se toureou melhor? Não tanto! Quando o touro deiza, sim; quando o touro não deiza, não. No nosso tempo toureava-se bem a muitos touros que não o deixavam. Hoje, apesar de ainda haver alguns

«ases» no baralho, o público não os deixaria «lidar».

Os toureirinhos modernos perderam a boa tradição de «lidar», mas o público também, porque mudou o seu gosto, e a índole da Festa».

Pela tradução

ROGERIO PÉREZ



«Litri» usa e abusa do toureio de «muleta» olhando o público e, em Malaga, o touro saltou a barreira e andou passeando meia hora pelas bancadas, o que justifica aquilo que Aparicio diz ao seu companheiro nesta caricatura publicada no diário «El Alcázar», de Madrid.



Não hesito em afirmar que a «Ovomaltine» tem contribuído grandemente para os meus êxitos desportivos

Jos Leku

"STADIUM" APRESENTA O FUTURO AVANÇADO-CENTRO DO BENFICA



APRESENTAMOS aos nossos leitores mais um «recruta» com que o Benfica conta para a época futebolística que no domingo tem seu início em todo o país. Vimo-lo há dias, no Campo Grande, treinando sob a proficiente orientação de Cândido Tavares, o competente adjunto do inglês que prepara as equipas do popular clube «encarnado», e não subemos resistir à tentação de o chamar junto de nós, para que nos contasse alguma coisa da sua carreira — quanto bastasse para que os nossos leitores procurem fixá-lo. E desta vez, não fomos atraídos para a reportagem pela mórbida curiosidade jornalística. Não. Estávamos no Campo Grande como simples espectador de treino, e o que nos «arrastou» foi o pé esquerdo do Zeca. Um pé esquerdo formidável, amigos. Esperem pelo primeiro jogo em que o rapaz alinhe — e a propósito de rapaz, desculpem ainda não termos dito de quem se trata. Mas fazemo-lo agora: é o antigo avançado-centro do Académico de Viseu, o melhor «artilheiro» da cidade de Viriato, e talvez da Beira Alta. Chama-se José Fernando Tavares Amaral, mas todos o conhecem melhor pelo diminutivo simpático de Zeca. E cremos que será assim que ele vai popularizar-se.

E depois disto, voltemos ao ponto de partida. Onde iam nós? Ah! Já sei. Dizíamos que esperassem pelo primeiro jogo do Zeca, para «verem» o seu pé esquerdo. E é verdade. Aquilo não é um pé vulgar, podem crer. É um *ariete*. Vimo-lo atirar três «brazas» à baliza, e reparámos na dificuldade com que uma delas foi *aparada* pelo novo guarda-redes do Benfica — um outro «recruta» que em breve vos apresentaremos.

Virá o Zeca a ser, na próxima época o melhor marcador da primeira divisão? Sabe-se lá! Entretanto, a pergunta não ficou sem resposta. Pelo menos da parte do novo benfiquista. Ouçam-na:

— Não sei ainda se a minha pretensão de vestir a camisola rubra do mais popular clube português merecerá, da parte de quem supe-

rintende no assunto, o deferimento que ambiciono. Mas se o meu desejo se materializar, creiam todos os benfiquistas que hei-de saber corresponder à confiança com que me acolheram. E como jogarei sempre com a preocupação de levar o esférico ao fundo da baliza o maior número de vezes que me fôr possível, principal categoria, claro! — que principal categoria, claro — que seja uma afirmativa a minha resposta à sua pergunta.

— Nesse caso, dissemos-lhe a sorrir, é uma resposta a longo prazo?

O Zeca foi pronto a retorquir: — Pois claro, meu amigo. Tem a certeza de que serei eu o centro-avancado do Benfica para os próximos jogos da I Divisão Nacional?

— Certeza, certeza, não tenho, realmente. Mas olhe que isso só de si depende!

— De mim? Talvez não. O Benfica ainda pode contar com Júlio — que não devemos esquecer que foi o melhor «goal-scorer» da época finda — e depois dele há o Teixeira.

Aqui, houve uma ligeira pausa; momento que o Zeca aproveitou para relancear a vista pelas bancadas desertas do Campo Grande, terminando assim o seu pensamento:

— Grande parte, a maior parte digamos, das possibilidades de eu triunfar, tenho-as realmente na mão. Mas vem a ser dali — e apontou para o local que dentro de dias começará a ser um imenso mar de cabeças seguindo atentamente o desenrolar dos lances de cada partida de futebol — que sairá o último veredicto. Não o acredito?

Não responde-mos. Anuímos com um sorriso — quem cala consente... — e decidimos mudar de rumo.

— Porque veio para o Benfica?

— A convite de um amigo, e alguma coisa por simpatia por esta colectividade. Mas também posso acrescentar que vim por ambição. A ambição de ser alguém no futebol.

«Na província, não há possibilidade de um jogador se impôr, atraindo sobre si as atenções do grande público. É certo que alguns clubes dispõem de bons treinadores, como era o caso do Académico, a quem Telechea proporcionou excelentes serviços. Mas isso não basta. Faltam-nos outras possibilidades, que só nos «grandes» encontramos.

«Presentimos a ocasião azada para abordar o problema mais discutido dos últimos tempos. E não hesitamos.

— Possibilidades ainda reduzidas, se pensarmos nas que vos podem ser criadas com o advento do profissionalismo, não?

— Absolutamente. Também penso que o profissionalismo rasgaria novos e dilatados horizontes ao futebol português. Com tempo suficiente para se treinar, e para viver exclusivamente entregue ao seu desporto favorito, creio que o jogador pode progredir extraordinariamente, e preparar-se fisicamente para as mais árduas tarefas da sua profissão.

— Há quantos anos é que o Zeca joga o futebol?

— A sério, desde 1945/46, época em que defendi as cores do Vilanovense de Tazem, no distrito da Guarda. Foi dali que saí, para ingressar no Académico de Viseu, clube em que alinhei desde 1947/48 até há pouco.

— É natural de Vila Nova de Tazem?

— Criei-me lá, mas nasci no Congo Belga, em Baumba, no dia 14 de Janeiro de 1928.

Chegado a este



ZECA vindo do Académico de Viseu para o Benfica

ponto da «cavaqueira», relanceámos os olhos pelos apontamentos, e sentimo-nos desolados. Estávamos a «burlar» os leitores que apreciam as perguntas da praxe. E por isso nos decidimos a fazê-las, mesmo a despeito de pensarmos que a reportagem, se ficasse por aqui, já tinha bastos motivos de interesse.

Mas os «canones» falam alto. — Que tarde lhe deixou mais gratas recordações?

— A da Vitória sobre o Sporting da Covilhã, por 5-3. Meti três golos, e dizem que joguei bem. Mas também tenho uma tarde que não esquecerei; embora o resultado conseguido tivesse sido uma derrota copiosa. Foi o dia em que joguei neste campo, para a «Taça de Portugal». A maneira como o público benfiquista nos recebeu e acari-nhou, calou fundo na minha alma de desportista. Sobretudo, porque esperava pior recepção... em face do que nos haviam dito em Viseu. Ali, a rivalidade Académico-Viseu e Benfica é uma coisa que dificilmente poderá avaliar-se cá por Lisboa, e nós julgávamos vir en-

(Continua na pág. 3)



FESTIVAL ANUAL DO ADICENSE



Os nadadores e as duas nadadoras concorrentes ao interessante festival de natação do popular clube de Alfama



Curioso aspecto da doca do Jardim do Tabaco no decorrer das várias provas levadas a cabo no domingo último



Os nadadores do Adicense que participaram nas provas pelo seu clube

NOTA DA SEMANA

TEMOS consumido tanto espaço a falar de acontecimentos alheios que chegou a vez de o fazermos a nosso próprio respeito.

Disse o profeta (qual, não sabemos...) dirigindo-se aos discipulos: «Onde vives o erro, pune-o; se encontrares virtude, glorifica-a.» De acordo com esta máxima evangélica, nada mais resta que subirmos ao pelourinho e confessar um tremendo lapsus-calami, publicado há duas semanas, neste mesmo local.

Dissemos, então, que o ciclista suíço Kubler, vencedor da Volta à França, também ganhara o Giro de Itália, confundindo-o, miseravelmente, com o seu compatriota Ugo Koblet, a quem se deve o mérito da vitória, aliás registada na altura conveniente. O erro proveio da semelhança da grafia e passou pelas malhas da memória, como passam, a tantos, de mais saber e maior capacidade, deslizes idênticos.

A rectificação, ora feita, acabaria neste momento se um leitor anónimo e vigilante não tivesse caído, com todo o vigor da sua justiça pena, enviando-nos uma epistola tremenda. Depois de nos chamar ignorante em assuntos velocipédicos, confundindo uma simples troca de apelidos muito idênticos com qualquer erro fundamental, de técnica, levou a sua caridade ao ponto de nos esclarecer. E, fê-lo com tanta precipitação que escreveu Coblet, em lugar de Koblet, conforme o nome se grafa, caindo em lapsus calami, como nos acontecera, a nós.

Esta tarefa de comentar, para o público, os acontecimentos do dia está longe de ser sinecura. Como todas as actividades humanas, o jornalismo tem falhas e que nos lance a primeira pedra aquele que nunca errou!

Mas, que diabo, faça-o às claras. E mais: faça-o com exactidão, sem deixar o flanco exposto e sem se servir de um pretexto para morder as canelas do crítico, cuja pessoa lhe desagrade.

Apesar do nosso desabafo, temos de agradecer-lhe a oportunidade que nos conferiu, de emendarmos a mão onde ela trau o pensamento. E fique assinalado, de uma vez para sempre, o êxito de Kubler, na Volta à França, como o de Koblet, no Giro de Itália, de parçaria com a incompetência do escrevinhador e a cirrose de fígado, do leitor, precipitado e trapalhão, como nós.

O veterano jornalista sueco Torsten Tegner sublinhou, com a ironia da sua prodigiosa pena, a inconstante preferência das multidões, que incensa o vencedor e despreza o vencido, ainda se este revelar mérito igual.

O pretexto consistiu na corrida de 400 metros, disputada em Estocolmo, entre os negros americanos Herbert Mac Kenley, recordista mundial, o jovem Rhoden e o loiro Miller, três puro-sangues aguilhissimos que se equivalem em capacidade. Num esforço extraordinário esta trindade atlética fez prodígios; galgando o terreno até ao fio de chegada, cortado pelo espigado Rhoden, no tempo de 46.1 segundos, e setenta e cinco centímetros à frente de Mac Kenley, com o loiro Miller bastante longe, mas registando menos de 48 segundos.

Uma legião de fotógrafos — doze — saltou à pista e fixou a imagem exausta do vencedor; o público aplaudiu-o calorosamente; e todas as atenções se fixaram sobre ele, esquecendo miseravelmente o grande adversário.

Comentando este facto, Torsten Tegner, insurge-se contra a desproporção e a injustiça do tratamento, perguntando, nas entre-linhas, se a sensibilidade humana está por tal forma decadente e cínica que despreze um grande corredor, quando ele merece ser distinguido em igual escala, como o primeiro classificado.

Claro, claro, a partitura é velha. O regente da orquestra tem pulso e prestígio, de sobra, para se fazer obedecer, contudo será difícil (ou impossível?) transformar os sentimentos espontâneos da plebe e ensiná-la a ser justa, compreensiva.

Apesar da grande autoridade e competência do prestigioso jornalista sueco, os fenómenos humanos não consentem que os guiem. São uma resultante de factores variáveis e indomáveis, um dos quais é o entusiasmo do momento. A lógica, o raciocínio e a generosidade são relegados a um papel secundário, quando os sentidos se aglutinam na esperança de um fenómeno.

No exemplo exposto, só o desfecho da luta adquiriu importância para a massa anónima, eletrizada pelo duelo. Os pormenores escapam-lhe, esbatem-se nos planos secundários.

Apenas os espíritos serenos, imperturbáveis, focam as circunstâncias e vêem, como T. Tegner, o relativo e o absoluto. Se os espectadores pensassem assim, adquiriam a personalidade dos calculadores frios, que se não deixam dominar pelos acontecimentos.

Isso não impede a confissão do desgosto nem leva a sancionar o alheamento das massas. Mas, explica-o, como sendo um fenómeno de disciplina arriscada, que, principalmente, não traduz falta de sentimentos justicieiros, antes sucede contra a índole individual.

RAFAEL BARRADAS

a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

CICLISMO ATLETISMO

O campeonato do Mundo de estrada, que se disputou em Moorslede, coube a «Briks» Schotte (profissionais) percorrendo os 284 Km. em 7 horas, 49 minutos e 54 segundos, seguido de Middeldamp e Kubler.

O excelente corredor belga, usufruindo das circunstâncias do ambiente e do concurso dos seus auxiliares, e ainda da desistência de Van Steenberghe, inferiorizado por um incómodo gástrico, bateu a fraca oposição italiana e francesa, cujo comportamento deixou bastante a desejar.

Os suíços revelaram grande brio, e Kubler manifestou, até ao fim, uma grande frescura.

O amador australiano J. Hoobin venceu a prova correspondente, batendo o francês Varnajo e o italiano Ferrario, classificados nesta ordem.

Gastou 4 horas, 29 m. e 24 seg., a percorrer os 175 Kms. e a sua vitória surpreendeu a crítica, que não o considerava suficientemente qualificado para tanta.

BOXE

Este popular desporto encontra-se em ponto-morto. Os acontecimentos de maior importância são os próximos combates entre o francês Dauthuille e Jake La Motta, para o título mundial de eméritos e entre Joe Louis e Ezzard Charles, para... pagamento das contribuições do Bombardeiro de Detroit. La Motta-Dauthuille está anunciado para 13 de Setembro; o outro, depende de várias circunstâncias e prevê-se para 27 do mesmo mês.

Entretanto, Charles ganhou ao pobre Fred Beshore, por intervenção do árbitro, que salvou o branco de ficar destruído às costas.

● O primeiro contacto franco-alemão teve lugar em Berlim. O grande combate da noite da travou-se entre Connie Rux, campeão germânico de semi-pesados, e o preto norte-americano Rodney Jones. Este liquidou o alemão ao 5.º assalto, pondo-o a dormir.

● O campeão Dehmke, de leves e semi-médios, fez fraza figura diante do francês Caulet, que obteve o *match* nulo, mas Hecht, semi-pesado levou a melhor com Marcel Begeot, vencido por abandono, ao 6.º round.

● Em Sidney (Austrália), o campeão do Império Britânico de eméritos, Dave Sands, pôs fora de combate ao 2.º assalto o americano Henry Brimm depois de o derrubar cinco vezes.

● Jean Mougin, ex-campeão de França de elevos foi derrotado, pela segunda vez, na Austrália, perdendo em Melbourne, diante do «semi-médio» Mickey Tollis que o derrotou por pontos.

Estão decorrendo com grande entusiasmo, no estádio de Heysel (Bruxelas), os campeonatos europeus de desportos atléticos.

A primeira prova foi a Maratona, ganha pelo veterano inglês Jack Holden, em 2 h. 32 m. 13.9 seg.; num percurso de 42.195 Kms. Seguiu-se-lhe o finlandês Karvonen e o russo Vanine, a poucos segundos de intervalo.

O triplo-salto coube ao moscovita Sherbakov, com 15.39 m., batendo o finlandês Rautio (14.96) e o turco Fuh (14.53).

Na corrida de 10 quilómetros, o infatigável checoslovaco Zatopek melhorou o recorde mundial da distância, gastando 29 minutos e 12 segundos exactos; atrás dele chegaram o francês Mimoun (30 m. 21 seg.) e o finlandês Koskela (30 m. 30.8 seg.).

Na prova de 100 metros, a final coube ao francês E. Bally, vencedor em 10.7 seg., à frente do italiano Lecocce (mesmo tempo) e do russo Soukharev (mesmo tempo). Foi uma corrida palpitante que só se conseguiu deslindar pela fotografia, de tal modo os quatro primeiros terminaram cerca uns dos outros.

O francês André Marie ganhou os 110 metros com obstáculos, com 14.6 seg., seguido do sueco Lundberg e do inglês Hildreth, que disputou ao italiano Albanese o terceiro lugar, sobre o fio de chegada.

A prova de 100 quilómetros (marcha) foi conquistada pelo suíço Schwab, em 46 m. 1.8 seg. batendo os ingleses L. Allen e R. Hardy.

● A época do atletismo no Brasil, inaugurada no princípio de Julho está em plena florescência. Entre vários resultados excelentes, mencionaremos os seguintes:

100 metros: A. P. da Silva (10.5) e Conceição (10.6); 200 m.: Neto (22.1); 400 m.: Carneiro (50.9); 800 m. e 1500: R. B. da Silva (1 m. 58.6 seg. e 4 m. 12.1 seg.); 5 e 10 quilómetros: Felipe (16-6.7 e 33-29); 110 h.: Carneiro (15 seg.); 400 h.: Siefes (59 seg.); Altura: Conceição e G. Oliveira (1.90); Comprimento: Sá (6.83); Vara: Rodrigues (3.80); triplo: Horta da Silva (14.72); peso e disco: Moraes (13.44 e 42.64); dardo: Moraes (54.08); martelo: Rodrigues (43.59).

Comparados com os resultados obtidos entre nós estes tempos e distâncias não diferem sensivelmente, excepto no salto com a vara e em altura, nos quais são superiores e a nossa pobreza se acentua.

● A Austria foi derrotada pela Baviera no torneio internacional de Munich, por 91 pts., a 81. Em Amsterdã, a Noruega derrotou a Holanda, por 121 pts. a 99, devido às corridas de fundo e aos lançamentos e saltos.



NA ARGENTINA

Os concursos de prognósticos influirão nos resultados?

OS concursos de prognósticos de futebol autorizados em muitos países, entre eles a Itália, França, Suíça, etc., não o são na Argentina.

Mas a enorme massa de aficionados paga grandes quantidades de pesos em cada ronda do campeonato para este jogo de prognósticos — por meio de organizações clandestinas. Como é natural, ao verificar-se um resultado excepcional — os prémios são elevadíssimos.

As autoridades argentinas receberam agora uma denúncia pedindo que investiguem a actividade dos promotores de tais apostas, pois assegura-se que estas organizações clandestinas exercem influência sobre determinados jogadores — o que justificaria alguns resultados excepcionais e surpreendentes verificados ultimamente nas partidas de campeonato.

Está provado, afinal, que o dinheiro é ainda a grande atracção que compra algumas vezes consciências, mesmo as dos praticantes do desporto, que deviam ser incorruptíveis.

VIDA NOVA — POR CERTO ...

Fernando Moreira ...

A Associação de Futebol de Vila Real reclamou junto da Federação sobre a forma de disputar o campeonato da II Divisão Nacional. Mais propriamente: recusa direitos ao pensamento do Porto, Braga e Aveiro.

■ O tesoureiro da A. F. P., Marcelino Ferreira, está de licença. Este organismo dirigente tem actuado mais próximo da demissão que da estabilidade governativa. Há graves desentendimentos, segundo se diz.

■ Um aficionado do F. C. Porto veio junto de nós perguntar-nos se o «feticheiro da bola» Stanley Matheus jogou pelo Arsenal de Londres, contra o campeão do Norte. Não jogou, não senhor, prezado amigo! Matheus deveria jogar nessa altura no Stock City; dali saiu para o Blackpool, cidade onde é hoteleiro. É uma fantasia de quem o informou erradamente. Pode limpar as mãos à parede ...

■ Quaresma, esteve interessado em treinar o Académico, do Porto, embora satisfeito com a sua vida em Elvas. Francisco Duarte, porém, acabou por ser o escolhido, tanto mais que já serviu como atleta o importante clube do Lima.

■ Há tempos dissemos nesta página que o F. C. Porto dispensaria vários jogadores, e entre eles Valongo, Freitas, Angelo, José Lino, etc. Chegou a desmentir-se a notícia. Mas os factos, afinal, vão-se confirmando pouco a pouco. Continuaremos a ver e a anotar ...

■ O defesa central dos juniores do F. C. Porto, Martins esteve algo doente, fora do Porto. Regressou curado e o facto causou geral satisfação entre quantos conheciam o promissor defesa.

■ A propósito de juniores: Vasco e Albano Magalhães, do F. C. Porto, já não se fazem em Coimbra. Os seus estudos continuam a fazer-se no Porto.

■ Francisco Gomes da Costa, que não tem jogado, pediu a sua transferência para o Académico. Ouvimos dizer a um marechal do F. C. Porto, actual dirigente, — que «só será desobrigado pelo clube se o pedir ele próprio». Ou então, evidentemente, por força de qualquer influência regulamentar ... Veremos. Gomes da Costa teria, portanto, a «desobrigação» quando a quisesse ...

■ Sabemos que Alfredo Valadés não se perturbou com a saída de Toninho para o Covilhã. O popular Salgueiros conseguiu algum lucro e o jogador também. Esteve quase tudo de acordo.

■ O Boavista, não perdendo qualquer jogador categorizado, conseguiu o recrutamento de algumas boas promessas. Se vier a sentir, nesse caso, a falta de qualquer homem no decorrer do campeonato, terá reservas à sua disposição.

ESTÁ a presidir à gerência do F. C. Porto, em regime de Comissão Administrativa, o dr. Urgel Horta. Acompanham o ilustre desportista, os srs dr. Moreira de Sousa, Eloi da Silva, Ivo de Araújo e outros elementos de reconhecida categoria, sendo por isso lógico aguardar que o importante clube nortenho regressa à vida serena e consiga rodear-se de todos os amigos dedicados e sãos.

O nome prestigioso do dr. Urgel Horta, que ainda não há muito tempo apontamos nas colunas da «Stadium» como candidato que não deveria ter-se esquecido nas últimas eleições da A. F. do Porto, regressa em boa hora à colectividade a que já presidiu, e folgamos sinceramente com a notícia e a decisão dos elementos mais responsáveis do seu organismo.

Sabido que o F. C. do Porto não é «um clube qualquer», agada-nos sempre vê-lo amparado por dedicação sem fingimentos, embora reconhecendo sem esforço que muitos lhe querem, mas não sabem ou não podem colocar-se inteiramente ao serviço das suas melhores aspirações. Reconhecemos há muito, até por experiência própria, que o papel de dirigente não é hoje muito fácil. Carece-se pelo menos de um mínimo de qualidades, — é certo; torna-se necessário que se conheça o ambiente, — sem dúvida alguma; precisa-se de quem trate «por tu» as coisas do desporto, ou por o haver praticado ou por o haver seguido desde sempre, — incontestavelmente. Mas, de qualquer modo, um dirigente encontra dificuldades pelo caminho, frente às quais precisa de ser ordenado, ter talento, serenidade, e um pouco de consideração pelas pessoas e pelas colectividades. Se essas dificuldades não forem eliminadas à força de competência, espírito de sacrifício ou reconhecimento das posições que representam a Verdade, — colocamo-nos em presença de quem não pode tomar sobre os seus ombros a responsabilidade e o mando. Se, pelo contrário, se não julgam por um critério pessoalíssimo ou egoísta, despota, as ideias estranhas, os pontos de vista doutrinários, antes se pensa que «errar é próprio do homem», — então pode nascer um excelente director, destes de se preferir em todos os momentos difíceis ou ingratos.

É ainda necessário, quase obrigatório, considerar que a crítica séria não pode baixar-se perante aquilo que julga mal orientado. A liberdade da crítica deve corresponder um direito sagrado, intangível, tendo que estudar-se apenas a razão do acontecimento trazido ao conhecimento público, por obrigações ou por direito, e nunca a cruza da notícia adversa mas digna.

Se todos atentassem um pouco nos deveres que lhe cabem, como nos direitos alheios, evitar-se-se-iam dissabores, contrarielades, péssimas gerências e todo o cortejo de perturbações que se espetam implacavelmente na vida clubista. No coração dos associados. Nos mais puros sentimentos de quantos querem sinceramente ver a paz implantada nos espíritos e na bandeira que não se sabe defender às vezes, ou se deseja para cobertura de ambições desmedidas e refilonas.

Mas bem: os novos directores do F. C. do Porto contam com o poder de uma corrente de opinião que lhes assegura de certeza tal regularidade directiva. Os nomes que foram judiciosamente escolhidos e inteligentemente postos ao serviço do F. C. do Porto compreendem a gravidade e a delicadeza da situação presente, e hão-de caminhar de frente para as soluções claras, dando lugar a todos, contribuindo de modo definitivo para congraçar possíveis dissidências na massa simpatizante.

Cumprimentamos, nesta hora, na pessoa do dr. Urgel Horta, — um grande clube que se chama Futebol Clube do Porto. O que nós podemos dizer — santo Deus! — não o molesta, não lhe quer mal. Estamos há muitos anos dentro das suas fileiras, e nem todos os «magricos» da actualidade podem apresentar, público e raso, o mesmo atestado de fidelidade... Podem prová-lo?

RODRIGUES TELES

ARCADIA DANCING DE LUXO
VARIEDADES às 0,30 e 2,15

ÊXITO FORMIDÁVEL DO **TRIO BARSÍ**

ÊXITO GRANDIOSO **BALLET HELLÍOS**

Rosario Guerra

Mary Carmen Montes — Charito Moreno — Mary Mely — Perla Levante — Julita Manjon — Mary Arilla — Melita Martin — Ana Maria

DUAS ORQUESTRAS
Nocturnos e Arcádia

Nos estamos em férias, aqui na região do Caramulo, num vale que nos abriu os olhos e muito estimamos. Não sabemos, portanto, muito do que se passa pelas cidades, pelo Porto e por Lisboa. Mas o Alves Teixeira, querido amigo e prezado camarada, diz-nos que, afinal, «não é verdade» tudo quanto se disse sobre o incidente Moreira-João Lourenço. Oxalá assim seja. Parece-nos que Fernando Moreira, afinal, pode ser ainda o ciclista que correspondia aos anseios da gente do Porto, da gente do Norte, e vá lá — da fortíssima e curiosa massa associativa do Futebol Clube do Porto.

Alves Teixeira, dentro do seu espírito irreverente, tanto ataca como defende. O que lhe parece mal — critica. O que lhe parece bem, — defende. O seu espírito despojado, sincero, amigo, não costuma ser imposto. Assim, acreditemos no que nos diz e estejamos que Fernando Moreira se justifique perante a gente da sua terra.

Este Joaquim é curioso ...

Joaquim Machado, médio do F. C. Porto, internacional de futebol, teve uma atitude. Coisa curiosa, sem dúvida, pois o Joaquim é considerado elemento dedicado à sua equipa, ao seu clube e aos seus amigos. Mas a atitude de Joaquim Machado merece ser conhecida. Porquê? Porque salta as barreiras do normal. Porque, delicadamente, sensato e correcto, Joaquim Machado fez o possível por colocar os seus colegas de equipa no caminho do dever — prometendo-lhes uma festa, garantindo-lhe que depois da ficha assinada se resolveriam muitos casos, muitas ambições ...

E tudo acabou por bem. Desde Barrigana nos outros, todos acharam que era justo, simpático, honesto. Assinaram. Gastão, saiu — ofereceu-se. É natural. Gastão pensou de outro modo...

Falar de Nataçao ...

Piscinas no Porto? É realmente curiosa uma afirmação deste quilate. Ouvimos falar constantemente de piscinas, officinas ou particulares, mas de positivo — absolutamente nada. Piscinas no Porto? Fazem-se reclamos à de Espinho, da Granja, no Rio Douro ou ao lindo mar da Foz. Fala-se e escreve-se muito sobre o campeonato regional de nataçao. Tudo certo. Tudo em favor da nataçao. Mas, decididamente, pergunta-se: «há piscinas no Porto?». Não há. Boas vontades — milíssimas, sem dúvida alguma. Piscinas — em Espinho, na Granja, tanques particulares, iniciativas isoladas, o diabo a quatro.

Ai, piscinas, que te quero ver! Aproveite-se o Douro, e viva o velho!

Precisa dum carro?
Compre um **AUSTIN**
que compra bem



AUSTIN A 70

Distribuidores gerais:
J. J. Gonçalves Sucrs.
LISBOA — PORTO
Agentes em todos os Distritos

LUMIÈRE
= É A PELÍCULA =
DOS BONS AMADORES

Actualidades ESPORTIVAS

A DISTRIBUIÇÃO DE PRÉMIOS DA 15.ª VOLTA A PORTUGAL

O director do Futebol Clube do Porto, o antigo guarda-redes Soares dos Reis, juntamente com a equipa do Clube, que venceu a prova colectivamente, e com João Rodrigues, dedicado técnico que muito contribuiu para o triunfo, ao receber a taça destinada à 1.ª equipa. Na fotografia vêem-se do lado esquerdo, os srs dr. António da Cruz, Fernando Barbedo, e tenente-coronel Dário Tamegão.



O «Diário do Norte» promoveu um festival de ciclismo na pista do Lima durante o qual se procedeu à distribuição de prémios. Na foto vê-se o campeão Dias Santos a receber das mãos do sr. tenente-coronel Dário Tamegão a taça e o prémio pecuniário correspondente ao 1.º classificado.

Um grupo de participantes e delegados dos clubes com os trofeus conquistados na 15.ª Volta a Portugal.



OS ATLETAS AMERICANOS NO PORTO

Depois da sua visita a Lisboa, o grupo de atletas americanos deslocou-se ao Porto, conseguindo fazer na capital do Norte melhores resultados. Revelamos a emocionante chegada da prova de 800 metros vendo-se sobre o fio da chegada os americanos Jacobs e Hart. Ganhou Jacobs, o da direita, classificando-se em 3.º Eduardo Silva (do Sporting) que se vê atrasado.



Os portugueses conseguiram uma bela vitória na corrida de 200 metros, que foi ganha por Eleutério (do Benfica), classificando-se em segundo lugar o americano Bryan.



ESTÁDIO DE LEIRIA



Leiria vai ter um Estádio Municipal, e bem o merece cidade tão progressiva. O Estádio será construído no sopé do histórico Castelo, entre a estrada que conduz à Marinha Grande e o rio Liz. O conjunto desportivo é formado por: um campo de futebol, de boas dimensões, relvado; 6 pistas de atletismo; um campo de futebol de treino também relvado; um rink de patinagem; um campo de basquete; uma piscina; dois courts de ténis; e dois campos de voleibol. Está ainda prevista uma carreira de tiro. As instalações serão rodeadas por largos terrenos onde se devem plantar cerca de 12.000 árvores. É natural, pois, que se verifique em Leiria um grande incremento no que respeita ao movimento da educação física.

SALTO IMPECAVEL DE MISS MC CORMICK

Miss Pat Mc Cormick, do Athletic Clube de Los Angeles (Califórnia) tornou-se destacada como a melhor saltadora de natação americana, ganhando os últimos campeonatos amadores levados a efeito. A fotografia mostra-nos a grande campeã americana num salto impecável e harmonioso, imagem de plástica e rara beleza.



Com LUMIÈRE
não há más fotografias